

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Rayane Branco de Lima Rocha

**O USO DA LITERATURA PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE
LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Garanhuns-PE

2018.1

Rayane Branco de Lima Rocha

**O USO DA LITERATURA PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE
LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia, pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns-UAG.

Orientador: Profº. Drº. Gustavo Henrique da Silva Lima

Garanhuns

2018.1

Rayane Branco de Lima Rocha

**O USO DA LITERATURA PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE
LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado(a) em Pedagogia, pelo Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, Unidade
Acadêmica de Garanhuns-UAG.

Orientador: Prof^o. Dr. Gustavo Henrique da
Silva Lima

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^o Dr.^o Gustavo Henrique da Silva Lima- Orientador
UAG – UFRPE

Prof.^a Dr.^a Leila Nascimento da Silva
UAG – UFRPE

Prof.^a Dr.^a Márcia Felix da Silva Cortez
UAG – UFRPE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R576u Rocha, Rayane Branco de Lima
 O uso da literatura para superação das dificuldades de leitura: uma experiência com o 3º ano do ensino
 fundamental: / Rayane Branco de Lima Rocha. - 2018.
 92 f. : il.
- Orientador: Gustavo Henrique da Silva Lima.
 Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
 Licenciatura em Pedagogia, Garanhuns, 2019.
1. Literatura. 2. Dificuldades de leitura. 3. Pesquisa-ação. I. Lima, Gustavo Henrique da Silva, orient. II.
 Título

CDD 370

Dedico este trabalho a Lucia de Fátima Branco de Lima, minha mãe, mulher guerreira e de fé que sempre me inspirou e me fez acreditar que eu podia vencer, a que sempre esteve do meu lado, me apoiando em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me dado forças e fé para ter chegado até aqui, pois em vários momentos pensei em desistir e Deus me ajudou até aqui. Agradeço aos meus pais **Lucia e Everaldo** por se dedicarem para sempre me dar o melhor e me apoiarem nos momentos mais difíceis, em especial agradeço a minha mãe **Lucia** por nunca ter me deixado caminhar sozinha, por sempre acreditar em mim.

Agradeço aos meus irmãos **Renata, Renato, Lucas e Gabriel** por sempre me apoiarem, e estarem presentes em todos os momentos dessa minha caminhada, e por terem me ajudando em todos os aspectos para que eu pudesse concluir a faculdade.

Agradeço ao meu esposo **Eraldo**, por ter me compreendido e tido paciência comigo durante esses anos de graduação, que não foram nada fácil. E por todos os incentivos para que eu não desistisse do meu sonho.

Ao meu filho **Eduardo**, pois foi minha fonte inesgotável de forças para lutar e me dedicar a concluir essa graduação.

Agradeço as minhas gêmeas **Aline e Ayane**, minhas amigas queridas que sempre me apoiaram em tudo e nunca me deixaram desamparada, em especial minha eterna dupla Aline que nunca desistiu de mim, sempre me incentivou em tudo que fiz.

Agradeço também a **Elaine**, pelos seus puxões de orelha, e principalmente por ser aquela que sempre tinha uma palavra de consolo para tudo, a que nunca desiste de ninguém, que tem um coração enorme, que acolhe a todos.

A **Michele, Lidrielly e Aline Teixeira** pela parceria, pelos incentivos, pelos momentos de descontração e por ter feito essa jornada mais amena.

A minha amiga **Dayane**, pois nunca desistiu de mim, sempre me apoiou em todas as minhas decisões. Agradeço por nunca ter me abandonado e só querer meu bem, obrigada por todo o carinho que você tem por mim e por meu filho.

As minhas cunhadas, **Ana, Sueli, Sandra e Natalia**, por todo o apoio e ajuda durante a graduação, em especial **Ana** que não mediu esforços para me ajudar em tudo que precisei.

Ao meu orientador **Gustavo Lima** por ter me aceito e ter me orientando com tanta paciência. Gratidão por tudo o que me ensinou e por ter acreditado no meu trabalho.

Agradeço também a todos os meus familiares, amigos, colegas de classe e todos os professores, que participaram de alguma forma na minha formação.

Pois o senhor é quem dá sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento.

(Provérbios 2:6)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Motivação.....	32
Figura 2 – Motivação.....	32
Figura 3 – Extrapolação, momento de confecção de um painel.....	37
Figura 4 – Extrapolação, momento de confecção de um painel.....	37
Figura 5 – Produção de um aluno no momento da extrapolação	38
Figura 6 – Produção de um aluno no momento da extrapolação	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Desenvolvimento das habilidades de leitura	38
---	----

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral superar dificuldades de leitura dos alunos através de um trabalho sistemático com o texto literário na escola. Como objetivos específicos diagnosticar as principais dificuldades de leitura dos alunos para desenvolver habilidades de leitura por meio de ação didática planejada com o texto literário, para identificar quais foram os avanços dos alunos em relação às habilidades de leitura e verificar as implicações da ação didática com o texto literário para a formação do leitor. Como aporte teórico, utilizamos alguns estudos sobre o ensino sistemático da leitura (BRANDÃO, 2006; KOCH E ELIAS, 2012; LEAL E MELO, 2006; e SOLÉ, 2014) e também acerca da formação do leitor literário (RITER, 2009; COSSON, 2010 e 2014). Essa pesquisa foi de tipo pesquisa-ação, com abordagem qualitativa. Na análise dos dados percebemos que os alunos mostraram resultados satisfatórios a partir da aplicação sistematizada da leitura com um texto literário.

Palavras- chave: leitura, literatura e ensino.

ABSTRACT

This research has the general objective to overcome difficulties of reading the students through a systematic work with the literary text in the school. As specific objectives to diagnose the main reading difficulties of the students to develop reading skills through planned didactic action with the literary text, to identify the students' progress in reading skills and to verify the implications of the didactic action with the literary text for the formation of the reader. As a theoretical contribution, we have used some studies on the systematic teaching of reading (BRANDÃO, 2009; KOCH and ELIAS, 2012; LEAL and MELO, 2006; and SOLÉ, 2014) and literature (RITER, 2009; and COSSON, 2010 and 2014). This research was of action-research type, with a qualitative approach. In the analysis of the data we noticed that the students showed satisfactory results from the systematized application of reading with a literary text.

Keywords: Reading, literature and teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 CONCEPÇÃO DE LEITURA	14
2.2 PLANEJAMENTO E FINALIDADE DA LEITURA	15
2.3 O ENSINO DAS ESTRATÉGIAS DE LEITURA	17
3 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....	21
4 METODOLOGIA	27
4.1 CONTEXTO E SUJEITO DA PESQUISA.....	28
4.2 ETAPAS DE COLETA DOS DADOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	29
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	31
5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA.....	31
5.2 A INTERVENÇÃO NA SALA DE AULA.....	32
5.2.1 MOTIVAÇÃO.....	32
5.2.2 LEITURA E EXPLORAÇÃO	33
5.2.3 EXTRAPOLAÇÃO	36
6 O QUE REVELARAM AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES DE LEITURA?	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES	44

1 INTRODUÇÃO

Partimos aqui da noção de que o ensino sistemático da literatura na escola favorece a formação de leitores autônomos e capazes de compreender os significados em um texto lido, ao mesmo tempo em que pode contribuir para o letramento literário do aluno.

(...) Como toda matéria-prima da literatura é a palavra, o mundo da literatura é, em primeiro e último lugar, linguagem. Dessa forma, a leitura literária demanda do leitor que se debruce sobre o modo de dizer ao mesmo tempo em que se inteira do que é dito. Os recursos expressivos presentes nos textos literários fazem com que o leitor perceba que a linguagem não é transparente, até porque os referentes dos textos literários são outros discursos. Tais características ensinam e facilitam o controle da leitura que é base da leitura de aprendizagem. O leitor pode até se entregar sem reflexão aos artifícios textuais que criam mundos coesos no texto literário, mas em algum momento de sua leitura, ainda que apenas no fim, terá de reconhecer que se trata de uma construção na qual participou ativamente (COSSON, 2014, p 50).

Nesse sentido, trata-se de uma ferramenta pedagógica poderosíssima que, se bem utilizada na sala de aula, pode auxiliar no processo de superação das dificuldades de leitura dos alunos desde os anos iniciais. A partir das minhas vivências acadêmicas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e nas experiências de estágio curricular no Curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG/UFPRE, percebi que os alunos dos anos iniciais, de modo geral, ainda têm muita dificuldade para compreender textos e interpretá-los, problema que me inquietou bastante e motivou a realização do presente estudo.

Portanto, este trabalho propôs trabalhar com a literatura como instrumento para superação das dificuldades de leitura. Desta maneira, a pergunta a ser respondida nessa pesquisa foi de que forma o texto literário pode ser utilizado como instrumento para superar as dificuldades de leitura na sala de aula?

Para isso, o nosso objetivo geral foi o de propor uma intervenção sistemática, por meio do texto literário, que ajudasse os alunos dos nos iniciais a superar dificuldades de leitura, tendo como objetivos específicos: a) diagnosticar as principais dificuldades de leitura dos alunos; e, a partir desse diagnóstico, b) planejar e propor uma sequência de ensino com base no texto literário; por fim, c) identificar quais foram os avanços dos alunos em relação às habilidades de leitura.

Portanto, para contemplar o que foi proposto nos objetivos acima, dividimos o trabalho em duas seções teóricas. Na primeira, discutimos sobre alguns conceitos e estratégias sobre o ensino da leitura e, na segunda, alguns postulados sobre a formação do leitor literário. A terceira seção foi dedicada a uma descrição dos procedimentos metodológicos implicados na coleta de dados. Na seção seguinte, realizamos a análise e a discussão dos dados e, por fim, na última seção, apresentamos os resultados obtidos a partir da intervenção realizada.

2 A LEITURA NA ESCOLA

Esta seção apresentará as concepções e algumas estratégias de leitura para facilitar a compreensão do aluno durante a leitura e após a mesma. Para isso, utilizamos autores como Brandão (2006), Koch e Elias (2012) Leal e Melo (2006) e Solé (2014).

2.1 CONCEPÇÃO DE LEITURA

Um texto é compreendido de modo diferente por cada leitor, pois cada um tem objetivos específicos e conhecimentos diversos e leem com finalidades distintas:

- a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor;
- a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da decodificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo (KOCH e ELIAS, 2012, p. 11).

Portanto, a leitura exige muito mais do que decodificar palavras, pois, para interpretação e compreensão de um texto, deve-se levar em conta os objetivos do leitor e o seus conhecimentos prévios. De acordo com os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para os anos iniciais do ensino fundamental (PCN),

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1998 p. 12).

Desta maneira, é preciso que o leitor crie suas próprias estratégias de leitura, pois, como afirmam Koch e Elias (2012), o leitor possui conhecimentos que o ajudarão na interpretação do texto:

Na atividade de leitura e produção de sentido, colocamos em ação várias estratégias sociocognitivas. Essas estratégias por meio das quais se realiza o processamento textual mobilizam vários tipos de conhecimentos que temos armazenados na memória (...).

Dizer que o processamento Textual é estratégico significa que os leitores, diante de um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos.

Para termos ideia de como ocorre o processamento textual, basta pensar que, na leitura de um texto, fazemos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir dos quais elaboramos hipóteses de interpretação (KOCH e ELIAS, 2012, p. 39).

Portanto, para uma boa leitura, é preciso a interação entre o autor-texto-leitor, para que, assim, o leitor alcance seus objetivos. Conversaremos um pouco mais sobre isso na próxima subseção.

2.2 PLANEJAMENTO E FINALIDADE DA LEITURA

Quando planejamos algo, conseguimos desempenhar melhor aquilo que nos propomos a realizar. Assim, é indispensável o planejamento das aulas, pois não teremos como nos perder e nem improvisar algo de última hora. Porém, sabemos que a sala de aula é o lugar do imprevisível e nem sempre conseguimos aplicar o que tínhamos planejado, mas, sem dúvida, o planejamento é muito válido para que possamos ter o controle da aula. Como salientam Leal e Melo (2006, p. 40), “o planejamento ajuda a aproveitar melhor o tempo e a repensar o que fazemos em sala de aula”.

Com isso, a leitura também precisa ser planejada para que atinja os objetivos pedagógicos pretendidos. Para isso, Leal e Melo (2006, 41) reforçam que:

Assim, partindo da concepção interacionista de leitura, concebemos que ler é uma atividade social e que, portanto, as estratégias cognitivas são adequadas aos propósitos de leitura, às finalidades que orientam nossa ação de ler. Quem lê, lê um texto para algum fim. (...) Na escola, precisamos planejar situações didáticas, que levem os alunos a desenvolver estratégias de leitura diversificadas e conhecimentos apropriados para diferentes contextos de interação.

O planejamento também é indispensável para que os alunos não fiquem dispersos, nem tampouco entediados, pois, com um bom planejamento, a aula fluirá

melhor e os alunos aprenderão melhor o assunto. E, para a leitura, é indispensável um bom planejamento, pois, como sabemos, muitas vezes a leitura é feita na sala de aula apenas para cumprir a rotina de aula ou apenas para “passar o tempo”, não havendo, muitas vezes, uma exploração sistemática, ou ainda, momentos de leitura para puro deleite. Por isso, também é importante que o professor procure por livros que despertem mais o interesse e a curiosidade dos alunos.

Na escola, parece, muitas vezes, haver certa desvinculação entre leitura e prazer. Na verdade, não defendemos que ler na escola seja sempre um ato de fruição. No entanto, é fundamental que possa ser, também, deleite, para que essa instituição passe a constituir-se, de fato, como um espaço de formação de leitores (LEAL e MELO, 2006, p.44).

Nessa perspectiva, é papel da escola instigar o gosto pela leitura, pois alunos precisam saber a sua importância para o convívio social, para resolver problemas e participar de diversas práticas de linguagem, como, por exemplo, ler uma receita, montar um brinquedo, um móvel, saber jogar um jogo etc. É preciso que o professor informe aos seus alunos a importância da leitura, e suas finalidades, para ser despertado no aluno o interesse pela leitura. Para isso, Leal e Melo (2006) reforçam que:

[...] é preciso ajudar os alunos a desenvolver capacidades que possibilitem atender a diferentes finalidades de leitura, presentes na escola e fora dela. Um primeiro passo para isso é fazer com que os alunos tomem consciência sobre os diferentes modos de ler, relacionados aos diferentes propósitos de leitura na sociedade (LEAL e MELO, 2006, p.42).

O professor deve, portanto, procurar a melhor maneira de levar os alunos ao mundo da leitura, utilizando-se de estratégias diversificadas para obter êxito em suas aulas. Assim, além de fazer um planejamento da aula, o professor deve criar situações didáticas onde os alunos usem a leitura tanto por puro deleite como também seja possível realizá-la com fins pedagógicos, ou seja, garantir o seu ensino sistemático com vistas ao desenvolvimento de habilidades específicas que auxiliam na formação de leitores proficientes. Como dizem Leal e Melo (2006, p 53), “Se os textos são variados e atendem aos interesses dos alunos, mais facilmente garantiremos um maior envolvimento destes com a leitura”. Nesse processo, o

trabalho com as estratégias de leitura são imprescindíveis. E é sobre elas que vamos conversar a seguir.

2.3 O ENSINO DAS ESTRATÉGIAS DE LEITURAS

Para que o aluno consiga compreender um texto, é necessário que o professor use de estratégias de leitura. Segundo Solé (2014), é recomendado que o professor utilize os processos de antecipação, previsão, hipóteses e que trabalhe as estratégias antes, durante e depois da leitura, para que, assim, o aluno aprenda a ler e compreender um texto. Segundo Solé (2014, p.85), “no caso da compreensão leitora, trata-se de ensinar os procedimentos estratégicos que podem capacitar os alunos para ler de forma autônoma e produtiva [...]”.

Para iniciar uma leitura com os alunos, precisamos estimulá-los e deixá-los motivados, pois, se não houver interesse, consequentemente a leitura não terá nenhum sucesso. Como afirma Solé (2014):

Portanto, motivar as crianças para a leitura não consiste em que o professor diga: “Fantástico! Vamos ler!”, mas em que elas mesmas o digam – ou pensem. Isto se consegue planejando bem a tarefa de leitura e selecionando com critério os materiais que nela serão trabalhados, tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar, evitando situações que abordem contextos de uso real, que incentivem o gosto pela leitura e que deixem o leitor avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação – situações de leitura silenciosa, por exemplo (SOLÉ, 2014, p.95).

Para iniciar uma leitura, devemos, além de motivar os alunos, também utilizar algumas estratégias que possibilitem a antecipação de sentidos junto com eles, mostrando, primeiramente, a capa do livro, e todos os aspectos que a compõem, como o título, as ilustrações (se tiver), o autor do livro, e, em seguida, fazer algumas perguntas para que, assim, eles comecem a interagir com o livro. Nesse momento, os alunos podem gerar várias hipóteses com o auxílio do professor, tais como: Do que será que trata o livro? Quem serão os personagens? Para reforçar essa ideia, Solé (2014, p.119) comenta que:

Assim, para que o leitor seja efetivamente um leitor ativo que compreende o que lê, deve poder fazer algumas previsões com relação ao texto; também vimos que algumas características do texto

– a superestrutura ou tipo de texto, sua organização, algumas marcas, etc. –, assim como os títulos, as ilustrações que às vezes os acompanham e as informações abordadas pelo professor, por outros alunos e pelo próprio leitor, constituíram o “material” que gerava essas hipóteses ou previsões, estas previsões, antecipações, ou seja, lá o que for, devem ser compatíveis com o texto, ou ser substituídas por outras. Quando estas são encontradas, as informações do texto integram-se aos conhecimentos do leitor e a compreensão acontece.

Depois de trabalhar a capa do livro, o professor pode começar a leitura, mas sempre com indagações. E preciso que o professor estimule inferências, fazendo com que os alunos participem de toda a história. Para isso, Palincsar e Brown (1984) enfatizam alguns processos que o professor deve seguir durante a leitura de um livro que são:

- Formular perguntas sobre o texto que será lido.
 - Formular perguntas sobre o que foi lido.
 - Esclarecer possíveis dúvidas sobre o texto
 - Resumir as ideias.
- (PALINCSAR e BROWN, 1984 *apud* SOLÉ, 2014, p. 121).

Essas inferências são importantes, pois, além de o aluno participar da leitura, ele estará aprendendo estratégias de compreensão leitora (SOLÉ 2014). Durante esse processo, o aluno poderá fazer suas previsões e, no decorrer da leitura, poderá verificar se estão corretas, envolvendo-se em um processo ativo de controle da compreensão.

Ao final da leitura, há outras práticas que são necessárias para uma melhor compreensão da leitura, que podem ser: a identificação da ideia principal do texto, resumos e formulação de perguntas e respostas (SOLÉ, 2014). É importante que tenha esse processo no fim da leitura, pois isso ajudará ainda mais os alunos em uma boa compreensão do texto lido.

A atividade de fazer o aluno pensar em qual foi a ideia principal do livro faz com que ele retome a leitura e busque por essa resposta, mobilizando, por exemplo, o seu conhecimento prévio para fazer as associações necessárias e atribuir significado ao texto. Esse processo de compreensão faz com que o aluno possa se utilizar de estratégias diversas para atribuir sentido ao que lê.

Para isso, Solé (2014, p. 141) afirma que:

Consideramos a ideia principal resulta da combinação entre os objetivos de leitura que guiam o leitor, entre os seus conhecimentos prévios e a informação que o autor queria transmitir mediante seus escritos. Entendida deste modo, a ideia principal seria essencial para que um leitor pudesse aprender a partir de sua leitura e para que pudesse realizar atividades associadas a ela, como tomar notas ou elaborar um resumo.

O resumo, após a leitura, também é uma boa estratégia, pois, além de o aluno ter que dizer sobre a ideia principal do texto, por exemplo, ele mostrará o nível de sua compreensão, podendo, assim, o professor verificar em quê eles avançaram e quais aspectos ainda precisam ser melhor trabalhados de forma sistemática, para, assim, haver avanços na compreensão, superando as dificuldades. Ressaltando esta ideia, Solé (2014, p. 146) afirma que “a elaboração de resumos está estreitamente ligada às estratégias necessárias para estabelecer o tema de um texto, para gerar ou identificar sua ideia principal e seus detalhes secundários”.

Brandão (2006) salienta que, para que haja compreensão da leitura, o professor deve priorizar sempre as experiências do aluno e os seus objetivos de leitura.

(...) o trabalho de formação de um leitor ativo, que processa o texto traz para o ato de leitura seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios, deve considerar a distinção fundamental entre o que foi efetivamente escrito pelo autor e quais são as nossas expectativas, crenças e opiniões pessoais (BRANDÃO, 2006, p. 62).

Para Brandão (2006), as estratégias de leitura também são de fundamental importância para que o aluno aprenda a compreender um texto. A autora ainda fala que, de início, é preciso que o aluno possa traçar objetivos da leitura, pois, assim, ele terá uma direção a seguir.

Em seguida, Brandão (2006) menciona que é preciso selecionar informações do texto, que sejam pertinentes à sua leitura e aos seus objetivos. Ela também defende que o aluno deve sempre fazer relações do que lê com os seus conhecimentos de mundo. Para reforçar essa ideia, Brandão cita Kleiman (1992):

[...] É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de

... mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. [...] Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (BRANDÃO, 2006 *apud* KLEIMAN, p. 13,1992).

Outra estratégia que também pode ajudar na compreensão de um texto é antecipação de sentidos e realizar inferências, estratégias que possibilitam que o aluno se situe no texto e possa gerar hipóteses durante a leitura. Desse modo, os alunos observariam se, no decorrer da leitura, as suas hipóteses seriam plausíveis. Por fim, o aluno pode avaliar e controlar a compreensão do texto lido, pois, segundo (Brandão, 2006, p. 67): “O leitor, no transcorrer do processo de leitura, deve, continuamente, refletir sobre o que lê”.

Com isso, é importante salientar que as estratégias de leitura são, portanto, um processo que o professor pode utilizar com seus alunos com frequência, pois isso vai ajudar os discentes tanto na vida educacional como social.

Para isso, enfatizamos que, desde a educação infantil, devemos ensinar nossos alunos a ler como alguém que tenta montar um quebra-cabeça. Desse modo, estaremos formando um leitor que, diante de qualquer texto, procura encontrar e construir elos entre as peças, identificando pistas para relacionar as partes, com vistas a elaborar um todo coerente: uma imagem que faça sentido e que possa, afinal, ser interpretável e compreendida (BRANDÃO, 2006, p. 70).

Feitas as considerações sobre o ensino da leitura, passaremos à discussão sobre a formação de um tipo específico de leitor: o leitor literário.

3 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

A literatura sempre esteve presente na vida das pessoas, desde a Antiguidade Clássica, como afirma Cosson (2010). Naquele contexto, a prática da literatura assumia um papel de destaque na sociedade, pois era usada como matéria de formação, ensino e aprendizagem em diferentes culturas, e assim foi concebida ao longo de muitos anos. Contudo, em meados do final do século XX, o texto literário, como instrumento de formação humana e de aprendizagem, foi cedendo espaço a outros textos na sala de aula, o que, talvez, possa ser explicado pelos estudos enunciativos e pragmáticos que passaram a dominar o ensino de língua nas escolas brasileiras. Com isso,

Os textos literários, sem um suporte teórico e metodológico consistente de abordagem pedagógica, passaram a ser substituídos por trechos de jornais, receitas culinárias, folhetos de propaganda e toda sorte de textos que pudessem, de alguma forma, ser usados para o ensino da leitura e da escrita na sala de aula (COSSON, 2010, p 57).

Sob esse viés, acreditamos que o discurso oficial que pregava a diversidade textual na sala de aula acabou por minimizar, de algum modo, a importância da literatura no espaço escolar. Nesse sentido, cabe a escola a tarefa de resgatar o trabalho com o texto literário e explorá-lo de forma sistemática para a formação de leitores críticos. Em outros termos:

Explorar o texto literário significa discutir sua compreensão e, a partir dela, promover a interpretação por meio das mais variadas atividades, (...) É papel do professor ajudar o aluno a fazer essa passagem, questionando, relacionando e analisando os mecanismos literários com os quais o texto foi construído (COSSON, 2010, p 59).

Para isso, é preciso que o professor invista na análise literária do texto, pois só assim o aluno conseguirá compreender de que forma os recursos literários são utilizados no processo de construção de significados que levam a uma compreensão mais ampla da realidade.

Analisar o texto é procurar compreender sua elaboração escrita imagética para com ela sustentar um sentido. Esse modo de ler precisa ser aprendido tal como se aprende outras práticas e conteúdos (COSSON, 2010, p. 61).

Cosson (2010) ainda nos diz que esse processo deve ser ensinado até para os alunos que estão iniciando nas trilhas da leitura e os que ainda não dominam a escrita. Um dos caminhos para isso é o professor abrir rodas de conversas, onde os alunos se sintam à vontade para falar sobre o texto lido ou ouvido. Esse momento de socialização é interessante para os discentes, pois eles poderão tanto externalizar a sua compreensão, bem como ouvir a dos colegas, o que irá enriquecer ainda mais o processo de construção de significados. Como afirmam Brandão e Rosa (2010, p. 70),

Um primeiro ponto que justifica a importância da conversa é a possibilidade que ela dá de engajar o leitor ou ouvinte na busca e produção de significados sobre o que lê ou escuta. Em outras palavras, é preciso que a criança compreenda a leitura como uma atividade de construção de sentidos em que é preciso interagir ativamente com o texto (BRANDÃO e ROSA).

Assim, para que a leitura seja eficaz, é preciso lembrar que “Ler é um processo que, qualquer que seja o seu ponto de partida teórico, passa necessariamente pelo leitor, autor, texto e contexto. Sem um deles, o circuito não se completa e o processo resulta falho” (COSSON, 2014, p. 41).

Sob esse viés, é interessante que o professor faça perguntas óbvias sobre o texto para apenas verificar se o aluno leu o texto, mas é preciso uma sistematização da leitura para que ela traga significados para o aluno; que a leitura deixe de ser apenas um mecanismo silábico por meio do qual as crianças aprendem a decodificar as palavras para aprender a ler, mas que seja capaz de trazer sentidos para o aluno e que, a partir dela, ele consiga refletir e analisar o texto de forma produtiva.

Infelizmente, sabemos que em muitos casos a própria escola se encarrega de ensinar a leitura dissociada do significado, ao oferecer às crianças textos vazios, artificiais, feitos, supostamente, para ensinar a ler, em que o sentido do que se diz fica em segundo plano, sendo priorizados os padrões silábicos que se pretendem ensinar. Assim, elas vão aprendendo a realizar um tipo de leitura em que não é necessário entender o que se lê, pois o importante neste modelo é saber “oralizar a escrita”. Ou seja, a decodificação é a única tarefa que se espera desse leitor que se acostuma a ler sem pensar no significado do que está lendo (BRANDÃO e ROSA. 2010, p. 70).

É importante essa sistematização da leitura para que o aluno consiga aprender a interpretar o que foi lido, que ele consiga inferir significados a partir do que o texto traz. Nesse processo, o professor será o principal mediador, pois irá

trilhar os melhores caminhos para que o aluno aprenda a compreender um texto.

Desta maneira:

Consideramos, portanto, que o professor ensina a compreender um texto quando formula perguntas interessantes sobre ele, quando escuta e reage às respostas das crianças. Assim, com suas ações no momento em que lê um texto em voz alta na roda, a forma como conduz a conversa sobre o texto, até mesmo a maneira como apresenta para a sala a proposta de leitura de um livro, o professor funciona como um modelo de comportamentos, atitudes e expressões de um leitor que dirige e regula seu próprio processo de leitura, ensinando, portanto, “como se faz para ler” (LERNER, 1996 apud BRANDÃO E ROSA, 2010, p. 73).

Assim, nós, professores, antes de tudo, precisamos lançar mão de estratégias didáticas que favoreçam não só o contato e a interação do aluno com o texto, despertando neles o gosto e o prazer pela leitura, mas também mostrando a importância do desenvolvimento da leitura crítica e reflexiva para a vida em sociedade.

(...) A leitura literária tem a função de aprimorar o humano que reside em nós, daí a necessidade de o professor não pensar as atividades de leitura apenas como fruição, mas também como possibilidade de conhecimento reflexivo e, conseqüentemente, de qualificação de seus alunos e de si mesmo. Afinal, como disse a poeta Cecília Meireles, “a literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição” (RITER, 2009, p. 54).

Para a formação do leitor literário, o professor deve primeiramente selecionar tanto livros que sejam atrativos para os alunos. Ao proporcionar esse encontro, o professor despertará no aluno o interesse em aprender a ler, o que é o início do processo, pois, como afirma Riter (2009), o primeiro passo é a formação DO leitor, para, depois, formar O leitor, ou seja, o aluno deve primeiro aprender a ler, para depois tomar gosto pela leitura e consiga a partir dela atuar criticamente na sociedade. Portanto, para que a segunda ocorra, a primeira já tem que ter sido executada.

A formação DO leitor pressupõe a existência de leitores, a existência de pessoas para quem a leitura tem lugar especial, possibilitando que ele possa, na interação com a palavra literária, crescer como pessoa, à medida que atua criticamente sobre o texto, sendo capaz de se transformar e de transformar a realidade que o cerca, atuando de forma cidadã (RITER, 2009, p.63).

A formação do leitor literário nem sempre será fácil, nem tampouco rápida, pode ser um processo lento, mas que, com a paciência do educador e metodologias

eficazes, o professor terá êxito nas suas investidas para que seus alunos sejam bons leitores; e leitores que saibam ler, refletir e compreender. Para isso, Riter (2009) faz alusão a uma parábola da bíblia para dar um exemplo sobre a formação do leitor:

(...) E, como semeadores, já diz a parábola *O semeador*, não devemos querer atingir a todos no mesmo momento. Cada construção de leitor é única. Cada pessoa tem seu tempo, sendo que alguns, talvez por motivos não compreensíveis, jamais se encontrarão com a leitura. (...) Cada aluno é também um terreno. Cada um receberá os convites para enveredar no universo da leitura do jeito que pode. Cabe ao professor tentar limpar o terreno das pedras e dos espinhos ou de aguçá-lo. Tarefa, por vezes, difícil; tarefa cujo resultado é demorado, outras vezes (RITER, 2009, p. 74).

Para a leitura, o professor pode trabalhar a capa do livro, apresentando o título, ilustrações, autores, fazendo com que os alunos se interessem pelo que será lido. Após a leitura, o professor também pode instigar os alunos a indicar o livro para algum amigo, se eles acham que o livro tem algo pra dizer para seus amigos, algo que lhe interesse, alguma coisa que eles acharam que tem que repassar. Nesse momento, o professor irá mostrar para os alunos que a leitura sempre vai nos informar, trazer algo para nós.

(...) o professor, antes de iniciar a leitura, apresente o livro e estimule as crianças a predizerem o seu conteúdo com base na capa e no título. A indicação da obra após a leitura, para um amigo porque se acredita que o texto tem algo a lhe dizer é outra forma de participação que se faz quase automaticamente em ambientes não escolares e que pode ser aproveitada na escola para uma espécie de acompanhamento da leitura independente, aquela que o aluno faz escolhendo livremente o livro para ler durante um tempo determinado (COSSON, 2014, p. 116).

Um dos caminhos para a formação do leitor literário é, portanto, a criação de roteiros de leitura (RITER, 2009) que proporcionem ao aluno o prazer e a reflexão. Esses roteiros devem sempre conter objetivos de leitura, ou seja, pedir que os alunos leiam atentamente o livro em relação aos personagens, aos cenários, levar o aluno a iniciar a compreensão do texto no decorrer da leitura, mostrar para os alunos as diversas coisas que eles podem descobrir em uma única leitura. Esse roteiro, segundo Riter (2009), é dividido em quatro etapas: *motivação, leitura, exploração e extrapolação*.

Na *motivação*, Riter (2009) propõe que o professor deverá criar atividades antes da leitura para que, dessa maneira, possa chamar a atenção dos alunos para

o livro; atividades que eles possam participar e começar a interagir, de modo que eles sintam vontade de fazer a leitura do livro.

Na motivação, o professor deverá criar atividades que sirvam como motivadoras da ação da leitura. Ou seja, buscará despertar o desejo da criança ou do adolescente para o texto (RITER, 2009, p.76).

Na segunda etapa, a *leitura*, o professor deve iniciar sempre fazendo uso de estratégias de antecipação e inferências, por exemplo, de modo a possibilitar a interação dos alunos com o texto e, conseqüentemente, a construção de sentidos. O professor também pode indicar possibilidades interpretativas, direcionando o olhar do leitor para aquilo que ele deve ficar atento.

Na leitura, que pode ser feita em aula ou extraclasse, dependendo da extensão do texto e da faixa etária dos leitores, o professor indicará possibilidades interpretativas, direcionando o olhar do leitor para aquilo que seria interessante ele ater-se (RITER, 2009, p. 76).

Na terceira etapa, a *de exploração*, o professor, após a leitura ou durante ela, irá criar atividades de compreensão e interpretação do texto, usando a criatividade para que consiga acompanhar o desenvolvimento da leitura do aluno em relação ao texto lido.

Na exploração, realizada durante e/ou após a conclusão da leitura, o professor criará atividades variadas de compreensão e interpretação do texto literário lido, a fim de que o repertório de leitura do aluno cresça e este possa estabelecer relações entre o texto e o mundo (RITER, 2009, p.76).

Na quarta etapa, a *extrapolação*, o professor irá levar os leitores além do livro lido, é o momento de relacionar o que foi lido com a realidade do aluno, momento de criatividade e rico em trocas de experiência, em que o aluno poderá colocar-se diante do que foi lido, relacionar com seu conhecimento de mundo e suas vivências. E, para isso, “É importante reforçar que cada uma das etapas deve privilegiar atividades lúdicas e atividades reflexivas, a fim de que possa atender as funções de deleite e de reflexão” (RITER, 2009, p 77).

Na extrapolação, o professor levará os leitores a irem além do lido, exercitando a criatividade e a inventividade. Momento rico de troca,

de prazer criativo, frutivo e, também, intelectual (RITER, 2009, p. 76-77).

A contação de histórias também é uma prática que ajuda na formação do leitor literário, pois é a partir dela que os alunos menores têm acesso ao livro, e é uma metodologia que o professor pode usar até com os alunos maiores, através de roteiros para a contação, facilitando tanto a compreensão do texto, como na formação no leitor literário.

(...) contar histórias é uma estratégia pedagógica que usualmente entra na escola como parte da preparação das crianças para a leitura, (...) se reconhece na contação de histórias uma forma privilegiada de ampliação do vocabulário, relação com o impresso, estímulo à imaginação, desenvolvimento da criatividade e do senso crítico, incorporação de modelos narrativos, incentivo à leitura, promoção de valores e crescimento emocional, além de funcionar como ponto de partida ou ligação entre conteúdos programáticos (COSSON, 2014, p.112 apud ABRAMOVICH, 1993; BUSATO, 2003; TORRES e TETTAMANZY, 2008; NEDER et al.,2009).

Para que haja compreensão por parte do aluno, é importante usar diferentes estratégias de leitura, como já dissemos, e o mais importante é o texto, que haja a efetivação da leitura, que o aluno entre em contato com o livro, para que, assim, seja eficiente em todos os processos de compreensão do texto.

(...) é importante compreender que as estratégias são um meio e não um fim, ou seja, elas são importantes para compreender os textos, para o processo da leitura, mas o fim é a leitura daquele texto, o que ele diz e como diz, a sua compreensão e interpretação é que deve ser o resultado da atividade (COSSON, 2014, p. 118).

Portanto, a leitura é o passo mais importante a se seguir, é o principal meio de começar a interpretação, pois ela é a chave para que toda a atividade e roteiros sejam eficazes, com isso, a leitura deve ser feita de modo claro, para que seja compreendida.

4 METODOLOGIA

A partir dos aspectos mencionados, utilizamos o método indutivo, pois a partir de observações sistemáticas, chegamos a definição do objeto de estudo. Severino (2013, p. 104) afirma que o método indutivo é resultado “de alguns fatos observados (fatos particulares), ele conclui que a relação identificada se aplica a todos os fatos da mesma espécie, mesmo àqueles não observados (princípio Universal)”.

Essa pesquisa trata do uso da literatura como instrumento para superação das dificuldades de leitura, por meio da qual verificamos se o trabalho sistemático com a leitura literária ajuda os alunos do 3º ano do ensino fundamental a superarem dificuldades de compreensão e interpretação de textos em uma escola dos anos iniciais da rede municipal de Garanhuns.

Primeiramente, identificamos as principais dificuldades de leitura dos alunos, a partir de uma triagem dos resultados das provas do Sistema Educacional de Avaliação de Pernambuco, o SAEPE¹, do ano anterior ao que os alunos estavam estudando na ocasião da coleta, que foi realizada no primeiro semestre de 2018. Utilizamos a análise documental para analisarmos as provas do SAEPE do ano de 2017, a fim de identificarmos em quais habilidades os alunos apresentaram um desempenho mais crítico, ou seja, não satisfatório, no que concerne à leitura. Conseguimos identificar qual era a turma que esses alunos estavam matriculados, a partir de uma triagem feita com a lista de alunos das três turmas, em que os alunos dos segundos anos do ensino fundamental do ano anterior tinham sido distribuídos, com isso vimos que a maioria estava na sala na qual foi feita a intervenção. Segundo Lüdke e André (2012, p.38), com base em Caulley (1981), “a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse”. A análise realizada apontou para duas habilidades: inferir informações em textos e reconhecer o assunto do texto lido.

Diante do que foi apresentado, a pesquisa teve a necessidade de ser de campo, pois “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de

¹ O SAEPE (Sistema de Avaliação da Educação de Pernambuco) é um instrumento de avaliação do desempenho dos estudantes da rede pública estadual e municipal. A avaliação é externa e a partir de 2008 a sua realização passou a ser anual. Sua execução em 2008 foi coordenada pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – CAED/UFJF, uma das instituições mais renomadas e experientes em avaliação do desempenho escolar. Informação disponível em: <http://novidadesdoprofessor.blogspot.com/2010/02/o-que-e-o-saepe.html> . Acesso em 03/08/2018.

dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem (...)” (SEVERINO, 2013, p.123), com abordagem qualitativa:

A pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, (BOGDAN; BIKLEN 1982, *apud* LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 14).

O tipo de pesquisa foi pesquisa-ação, pois fizemos uma intervenção com os alunos da sala selecionada, onde pretendíamos desenvolver as habilidades que eles tinham mais dificuldades. Para isso, seguimos as quatro fases previstas para a pesquisa-ação, a saber:

- Fase de identificação das situações iniciais.
- Fase de projeção das ações.
- Fase de realização das atividades previstas.
- Fase de avaliação dos resultados obtidos.

(DIONNE, 2007, p.82).

Nossa pesquisa é caracterizada como pesquisa-ação, porque primeiro identificamos a situação traçando um diagnóstico das dificuldades dos alunos a partir dos resultados dos alunos na prova do SAEPE, na modalidade de língua portuguesa. A partir da análise da proficiência dos alunos em leitura, planejamos a intervenção a ser aplicada. No terceiro momento, aplicamos a nossa intervenção com base na proposta de Riter (2009) e, por último, avaliamos como ocorreu a intervenção e seus resultados. “Privilegiamos uma abordagem em que os pesquisadores e os autores contribuem, em equipe, ao mesmo tempo, para o processo de pesquisa e para o processo de ação” (DIONNE, 2007, p.86). Nas subseções seguintes, detalharemos mais o contexto de intervenção da pesquisa, bem como todo o processo que envolveu a intervenção proposta.

4.1 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA

Como já dissemos, esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de Garanhuns-PE. A turma investigada estava cursando o 3º ano do

ensino fundamental, composta por 30 alunos, sendo que, no dia da intervenção, só havia 15 alunos presentes.

A escolha da escola foi feita por uma triagem por meio da qual nós fomos verificando quais as escolas que já tinham os resultados do SAEPE disponíveis e, a partir dessa análise, chegamos a uma escola dos anos iniciais que nos recebeu e se dispôs a nos ajudar no que fosse preciso.

Conforme os critérios éticos, vamos manter o sigilo das identidades dos sujeitos envolvidos neste estudo, no caso, os alunos, de forma a preservar a integridade dos mesmos. Nesse sentido, utilizaremos alguns recursos, como a tarja preta nos registros fotográficos que serão mais adiante apresentados para ilustrar a análise.

4.2 ETAPAS DE COLETA DOS DADOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

A primeira etapa de coleta de dados foi feita por uma análise dos resultados das avaliações do SAEPE que os alunos tinham feito no ano anterior (2017) a nossa pesquisa, pois, como sabemos, os resultados desse tipo de prova só são divulgados no ano seguinte a sua aplicação, portanto, avaliamos as provas de língua portuguesa dos alunos quando estavam ainda cursando o 2º ano do ensino fundamental. O nosso objetivo era identificar quais as principais dificuldades de leitura que os alunos dos 2º anos tinham, segundo o SAEPE. Com os resultados em mãos, partimos para o segundo passo dessa etapa, que era identificar onde a maioria dos alunos desses 2º anos estavam, pois eles estavam divididos em três turmas de 3º ano do ensino fundamental. Para isso, procuramos a secretaria da escola, que nos disponibilizou a relação dos alunos das três turmas, o que possibilitou a identificação dos alunos que fizeram a prova do SAEPE no ano anterior. Pudemos verificar que a maioria dos alunos estava cursando o 3º ano C no ano letivo de 2018. Dessa maneira, a análise documental foi nosso instrumento inicial de coleta de dados, pois a partir dela, pudemos dar prosseguimento a nossa pesquisa de intervenção. .

A segunda etapa foi o planejamento da intervenção, em que pesquisamos se na escola onde fizemos o diagnóstico inicial tinha livros paradidáticos para o trabalho na sala de aula. A coordenação nos relatou que os alunos tinham ganhado livros de

um projeto chamado “nas ondas da leitura”². Porém, ao termos uma conversa informal com a professora da sala selecionada, a mesma nos informou que os alunos já tinham usado todos os livros previstos pelo projeto para leitura diária na sala de aula. Restou-nos, então, partir para um plano “B”. Pesquisamos os livros indicados pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) mais recente, e selecionamos o livro “Balas Bombons e Caramelos”, de Ana Maria Machado, para fazermos a intervenção. Com isso, fizemos nosso roteiro para a intervenção com base em Riter (2009) e as estratégias de leitura com base nos estudos de Solé (2014). A terceira etapa foi a aplicação da intervenção com os alunos a partir do planejamento traçado e, por fim, a avaliação dos resultados obtidos, cumprindo, portanto, o ciclo da pesquisa-ação.

Todos os dados da intervenção foram analisados com base nas categorias Riter (2009), já especificadas. Sobre a construção de categorias de análise, Lüdke e André (2012, p.42) apontam:

A construção de categorias não é tarefa fácil. Elas brotam, num primeiro momento, do arcabouço teórico em que se apoia a pesquisa. Esse conjunto inicial de categorias, no entanto, vai ser modificado ao longo do estudo, num processo dinâmico de confronto constante entre teoria e empiria, o que origina novas concepções e, conseqüentemente, novos focos de interesse.

Feito o desenho do percurso metodológico da pesquisa, na seção seguinte, passaremos à análise dos dados.

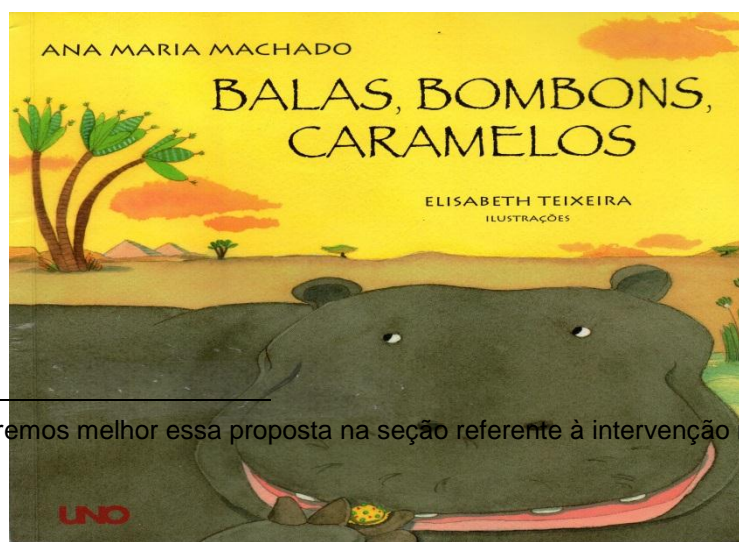
² Projeto é desenvolvido pela Editora IMEPH, em parceria com as Secretarias Municipais de Educação, instituições de ensino, pais e alunos, tendo como objetivo mobilizar escola e família no estímulo ao desenvolvimento de alunos leitores e escritores, ampliando assim, a criatividade e fortalecendo a autoestima dos discentes. Esta ação tem como consequência a melhoria no desempenho dos estudantes e das escolas, resultando numa melhor qualificação do município nos Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Informação retirada de: <http://www.tvreplay.com.br/jornalismo/garanhuns-pe-lancamento-projeto-nas-ondas-da-leitura-foi-realizada-sucesso/>. Acesso em 03/08/2018.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir mostraremos qual obra utilizamos para fazer a aplicação da atividade, e em seguida todo o processo da atividade sistematizada com o texto literário escolhido, usando as categorias propostas por Riter (2010), e quais os resultados obtidos a partir dessa atividade planejada e aplicada com os alunos do 3º ano do ensino fundamental.

5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

Diante das habilidades a serem superadas, fizemos a nossa intervenção usando um roteiro de atividades para os alunos da rede municipal de Garanhuns, do 3º ano do ensino fundamental, baseado nas etapas propostas por Riter (2009)³. Para isso, utilizamos o livro “Balas, bombons e caramelos”, da autora Ana Maria Machado e ilustrações de Elisabeth Teixeira. O livro fala de um Rinoceronte chamado Pipo que tinha o hábito de comer alimentos potencialmente nocivos à saúde, mas que era amado por todos. Pipo, o rinoceronte, era um grande amigo que vivia sempre alegre, mas, certo dia, sentiu uma dor muito forte, deu um grito e todos os amigos apareceram para saber do que se tratava. Chamaram o médico camelo, mas ele não deu jeito, e orientou que o Pipo procurasse um dentista, que verificou que os dentes dele estavam todos cariados. O dentista fez todos os procedimentos para tratar dos dentes de Pipo e explicou a todos que cada tipo de dente era pra uma alimentação diferente, mas que não existia dente para comer doces.



³ Detalharemos melhor essa proposta na seção referente à intervenção na sala de aula.

Nos acervos complementares do MEC de 2012, este livro é indicado para que os pequenos leitores possam ter a oportunidade de conhecer melhor algumas consequências decorrentes da ingestão exagerada de guloseimas e da falta de cuidados com a alimentação.

A seguir, apresentaremos, detalhadamente, toda a rotina feita, a partir do livro “Balas, bombons e caramelos”.

5.2 A INTERVENÇÃO NA SALA DE AULA

Como já dissemos na seção anterior, nossa intervenção foi baseada em Riter (2009), que propõe uma sequência de atividades a partir do seguinte roteiro: motivação, leitura, exploração e extrapolação. Vale lembrar aqui que tais atividades, segundo Riter (2009), devem contemplar aspectos lúdicos e reflexivos.

5.2.1 MOTIVAÇÃO

Na sala em que foi aplicada a intervenção, havia 15 alunos presentes, de um total de 30 que estão matriculados na turma. Todos estavam bem ansiosos para saber o que iríamos apresentar para eles. Para esse momento da intervenção, afastamos todas as bancas para o fundo da sala e forramos o chão com um tecido TNT, onde colocamos várias imagens de frutas, doces e guloseimas e os alunos foram convidados a sentarem em volta dessas imagens.

Figura 1



Figura 2



Em seguida, deixamos os alunos à vontade para olharem as imagens e, na sequência, começamos a questioná-los sobre os alimentos que estavam naquelas imagens e qual eles mais gostavam. Fizemos, na lousa, um quadro separando frutas e doces, e fomos listando de acordo com as preferências apontadas pelos alunos. Vejamos:

Exemplo 1:

5 Prof: Agora, eu vou fazer um quadro pra ver quais alimentos vocês gostam mais. Começando por aqui. Qual alimento você gosta mais? Frutas ou doces?
Ao final, vimos que os alunos preferiam frutas a doces:

Exemplo 2:

30 Als Ê::: fruta tá com mais ponto.
31 Als Fruta, fruta, fruta.
32 Als Ê::: ganhamos.

Essa estratégia fez com que os alunos sentissem vontade em ver o que viria depois, o que iríamos mostrar após aquele momento. Começaram, então, a ficar inquietos e participativos, o que nos ajudou até o fim da intervenção. De acordo com Riter (2009, p.76):

Na motivação, o professor deverá criar atividades que sirvam como motivadoras da ação da leitura. Ou seja, buscará despertar o desejo da criança ou do adolescente para o texto.

Percebemos que a motivação é uma ótima estratégia para iniciar uma leitura, pois, com o resultado que ela nos proporcionou, é evidente que essa etapa leva a uma boa compreensão e participação dos alunos durante a leitura. Essa primeira estratégia de leitura fez com que pudéssemos conseguir alcançar os objetivos propostos no roteiro de intervenção, pois os alunos se sentiram confortáveis e curiosos a participar daquela leitura. Todo esse processo de motivação foi feito de modo lúdico e reflexivo. Na sequência, apresentaremos como seu deu a próxima etapa da intervenção, que foi leitura e extrapolação.

5.2.2 LEITURA E EXPLORAÇÃO

Nesse momento foi feito a leitura do livro, com intervenções durante todo o processo de leitura. Essa intervenção durante a leitura é a extrapolação (RITER, 2009) e, para isso, usamos de estratégias de leitura e compreensão baseadas também em Solé (2014).

Iniciamos trabalhando a capa do livro, perguntando se alguém já tinha lido aquele título, e, em seguida, mostramos todos os elementos que continham na capa, como título ilustrações e autor, deixando que os alunos se colocassem nessas questões, e os instigando sobre cada elemento, como, por exemplo, a relação que eles estabeleciam entre o título e a imagem do hipopótamo na capa, e depois pudemos ver se as previsões dos alunos estavam corretas.:

Exemplo 3:

- 46 Prof Estão vendo o título do livro? Balas bombons e caramelos.
47 Prof Quem não leu o livro? Vocês acham que vai ter o que no livro?

Exemplo 4:

- 67 Prof Vamos agora ver o que tem nesse livro. Será que o que vocês disseram vai acontecer? Será que terá balas, doces? Será?
69 A4 Vai ter!
70 A9 Vai ter!

A partir dos comandos dos exemplos 3 e 4, os alunos expuseram suas colocações e formularam suas hipóteses sobre o livro, foram criando expectativas sobre o que viria no livro, se iam acertar suas hipóteses sobre a história do livro. Após esse momento de apresentação do livro, iniciamos a leitura em voz alta com o suporte de um equipamento de *data show*, de forma que a leitura pudesse ser acompanhada por todos os alunos, já que só tínhamos um exemplar do livro em mãos.

Durante a leitura, fomos instigando os alunos e eles puderam ver se suas previsões estavam corretas e percebendo novos elementos do texto lido. A partir daí, fomos fazendo perguntas à medida que novos elementos apareciam no texto, e os alunos ficando bem mais participativos. Essa estratégia de leitura surtiu efeito e

fez com que os alunos pudessem desenvolver as suas próprias interpretações e, consequentemente, favoreceu a compreensão do que foi lido.

Na leitura, que pode ser feita em aula ou extraclasse, dependendo da extensão do texto e da faixa etária dos leitores, o professor indicará possibilidades interpretativas, direcionando o olhar do leitor para aquilo que seria interessante ele ater-se (RITER, 2009, p. 76).

Para instigar os alunos formulamos algumas perguntas durante a leitura. Vejamos outro momento da nossa intervenção:

Exemplo 5:

- 89 Prof Um grande sujeito, o Pipo, e não era só porque ele era um sujeito grande não: afinal, havia ali por perto muitos outros bichos grandes... mas, nenhum tinha tantos amigos como o Pipo, o hipopótamo.
90 Prof Por que será que ele tinha tantos amigos?

Exemplo 6:

- 91 A3 Porque ele é guloso
92 A4 Porque ele tem a barriga muito fofa.
93 A2 Porque ele é muito grande.

Depois da leitura, fizemos mais indagações a fim de saber a compreensão dos alunos a partir do que foi lido. Se eles agora saberiam explicar o porquê do livro ter o título *balas, bombons e caramelos*, se era bom comer tantos doces como o Pipo comeu, se nossos dentes aguentariam tantos doces e se eles já tinham tido dor de dente, bem como o que devíamos fazer para evitar a dor de dente; e se eles tinham o hábito de escovar os dentes. Vejamos o exemplo abaixo:

Exemplo 7:

- 221 Prof E vocês, já tiveram dor de dente?
222 Als [eu]
[eu não]
[eu tenho]
[doeu muito]
223 Prof Não é ruim?
224 Als É::
225 Prof Doe muito?
226 Als Sim!
227 Prof E o que foi que vocês fizeram quando tiveram dor de dente?
228 A1 Vai pro dentista!

229 A9 Tomei remédio

A partir dessas indagações, os alunos puderam comparar a história de Pipo com as experiências de vida deles, ou seja, puderam associar as suas vivências e experiências para solucionar o problema, viram que a realidade de Pipo não está tão distante do cotidiano deles e, assim, compreenderam melhor o texto lido.

Na exploração, realizada durante e/ou após a conclusão da leitura, o professor criará atividades variadas de compreensão e interpretação do texto literário lido, a fim de que o repertório de leitura do aluno cresça e este possa estabelecer relações entre o texto e o mundo (RITER, 2009, p.76).

Portanto, essa etapa da intervenção mostra a importância de se criar estratégias de compreensão de leitura, pois, a partir dela, podemos facilitar e ampliar a compreensão do aluno. Na sequência, iremos abordar a última etapa da intervenção, que é a extrapolação.

5.2.3 EXTRAPOLAÇÃO

Essa foi a última etapa do roteiro, por meio da qual queríamos ir além do que foi lido, mostrar para os alunos que a leitura pode ir bem mais além do que simplesmente colocar o ponto final da história. Para isso, propomos que os alunos escrevessem um texto recomendando a leitura do livro *“Balas, bombons e caramelos”* para algum amigo ou familiar, por meio do qual eles iriam explicar os motivos pelos quais recomendariam a leitura do referido livro.

Na extrapolação, o professor levará os leitores a irem além do lido, exercitando a criatividade e a inventividade. Momento rico de troca, de prazer criativo, frutivo e, também, intelectual (RITER, 2009, p. 76-77).

Segue a baixo os comandos dados para que os alunos produzissem o texto:

Exemplo 8:

270 Prof: Pra quem vocês recomendariam? Pra uma pessoa que tem uma história assim, parecida com a do Pipo?

271 A6 Minha irmã

273 A1 Pra meu colega, pra (), pra um amigo.

E os alunos ficaram todos empolgados para fazer o texto de recomendação, pois a história do Pipo fez com eles refletissem sobre o consumo excessivo de doces, inclusive muitos falaram que já tinham passado por situações semelhantes as que o personagem principal da história tinha passado, e que iam levá-la como exemplo para não mais cometer os mesmos erros.

(...) A indicação da obra após a leitura, para um amigo porque se acredita que o texto tem algo a lhe dizer é outra forma de participação que se faz quase automaticamente em ambientes não escolares e que pode ser aproveitada na escola para uma espécie de acompanhamento da leitura independente, aquela que o aluno faz escolhendo livremente o livro para ler durante um tempo determinado (COSSON, 2014, p. 116).

Ao final do processo de escrita, fizemos um mural com todos os textos para serem expostos, para que todos da escola pudessem ver as produções dos alunos e ler as indicações feitas por eles.

Esse processo de extrapolação faz com que o aluno possa compreender ainda mais o que foi lido, pois além de terem ouvido toda a história com intervenções planejadas, fez com que eles compreendessem melhor a história, o objetivo principal dela. A figura a seguir mostra como foi à criação do mural:

Figura 3



Figura 4



Na seção seguinte, mostraremos que as produções dos alunos evidenciaram que houve melhorias no desenvolvimento daquelas habilidades identificadas *a priori* como críticas segundo avaliação do SAEPE.

6. O QUE REVELARAM AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES DE LEITURA?

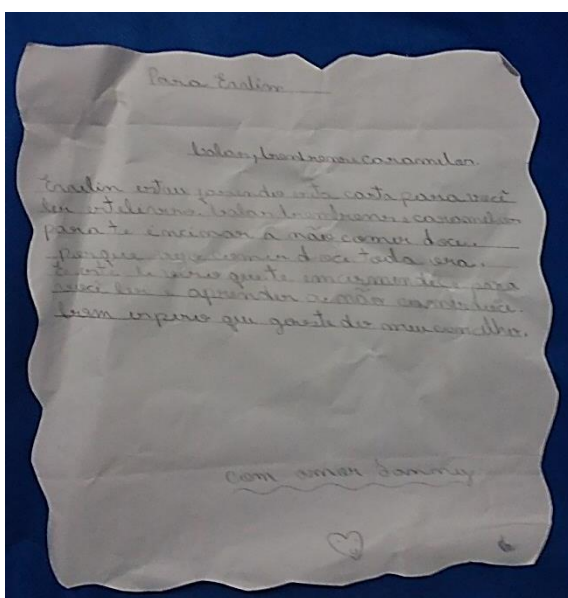
A intervenção realizada também nos permitiu observar alguns avanços em relação a algumas habilidades de leitura apontadas como críticas segundo o resultado de avaliação do SAEPE no ano anterior. Mostraremos, a seguir, um quadro síntese desenhado a partir de análise mais qualitativa das produções escritas dos alunos. Vejamos:

QUADRO 1: DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES DE LEITURA

HABILIDADES DE LEITURA	ALUNOS														
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A15
Inferir informações em textos	x	x	x	x	-	-	-	x	x	-	-	x	-	-	x
Reconhecer o assunto de um texto lido	x	x	x	x	-	-	x	x	x	-	x	x	-	x	x

Os quadrinhos que estiverem assinalados com um “X” indicam quais habilidades foram alcançadas pelos alunos após a realização da produção escrita. Pudemos verificar que a grande maioria conseguiu reconhecer o assunto do livro lido e inferir informações a partir do texto lido. A seguir, mostraremos algumas produções a título de exemplificação:

Figura 5



Para ewelim

Balas bombons e caramelos

Ewelim estou fazendo esta carta para você para você ler este livro balas bombons e caramelos para te ensinar a não comer doce.

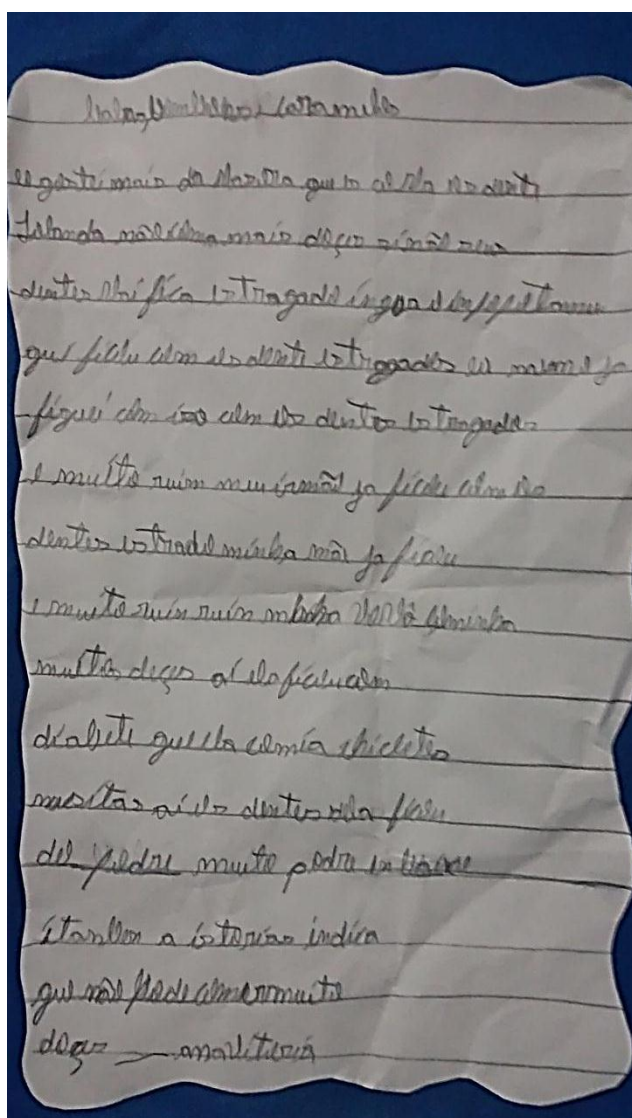
Porque vejo comer doce toda ora.

E este livro que te emcomendei e para você ler e aprender a não comer doce. Bom espero que goste do meu conselho.

Com amor Yanny

Acima, a aluna produziu uma “cartinha” para uma amiga que gosta de doces recomendando a não comê-los: “espero que você goste do meu conselho”. Nesse exemplo, podemos constatar que a aluna compreendeu bem a finalidade do livro, que é o de conscientizar o aluno sobre a importância do não consumo excessivo de guloseimas. Desse modo, a aluna parece “reconhecer o assunto do texto” ao ponto de alertar a amiga sobre os perigos desse consumo excessivo de balas e bombons. Vejamos outro exemplo:

Figura 6



Balas bombons e caramelos

Eu gostei mais da vasora que escova os dente

lolanda não coma mais doces sinão seus dentes vai ficar estragado inguaio impopotamu que ficou com os dentes estragados eu mesmo já fiquei com isso com os dentes estragados e muito ruim meu irmão já ficou com os dentes estragados minha mãe já ficou e muito ruim ruim mesmo vovô cominha muitos doces aí ela ficou com diabetes que ela comia chicletes nusitas aí os dentes dela ficou podre muito podre embaixo e também a istorias indica que não pode comer muito doces

Ana Vitoria

Nessa outra produção, a aluna também indica o livro a uma amiga que também gosta de comer doce igual ao hipopótamo Pipo. Ela ainda fala de si e de

sua vida como exemplos para aconselhar a amiga a não comer guloseimas em excesso. No seu texto, ela afirma que “já teve dor de dente e seu irmão também”, deixando claro para a amiga não foi uma sensação muito agradável. Ela ainda reforça que o consumo de doces exageradamente pode causar. Como exemplo, ela cita a sua avó, que tem diabetes por conta do consumo de doces. Portanto, essa aluna faz um alerta para os perigos que o consumo exagerado de doces pode causar à saúde de crianças, adultos e idosos. Essa produção mostra nitidamente como a aluna conseguiu compreender e interpretar o livro lido, e como ela conseguiu inferir as informações de todo o texto. Desse modo, acreditamos que, de modo geral, a intervenção usando o roteiro de atividade proposto por Riter (2009) ajudou de forma eficaz para superar as dificuldades dos alunos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa, pude ministrar uma intervenção planejada em uma escola municipal a partir de um diagnóstico, a qual contribuiu para minha formação acadêmica e profissional, pois pude ver de perto de que forma propostas como a de Riter (2009) para o trabalho com a leitura podem auxiliar os alunos na superação de algumas dificuldades de leitura.

Assim, vimos que os alunos podem desenvolver a leitura a partir de atividades sistematizadas com o uso da literatura, embora tenhamos a consciência de que uma única intervenção não vai sanar as dificuldades como um todo. Todavia, podemos afirmar que a realização de novas intervenções dessa natureza contribuiria significativamente para a superação dessas dificuldades. Nossa intervenção se deu de maneira dinâmica, lúdica e interativa, o que nos ajudou a ter a participação de todos os alunos presentes.

Em relação aos objetivos específicos, de início, tínhamos planejado diagnosticar as principais dificuldades de leitura dos alunos. E, para isso, fizemos uma triagem inicial, onde conseguimos diagnosticar duas habilidades mais críticas com base nos resultados do SAEPE: reconhecer o assunto do texto e realizar inferências.

O segundo objetivo específico foi desenvolver habilidades de leitura por meio de ação didática planejada com o texto literário de modo a possibilitar avanços dos alunos em relação a essas habilidades. E isso só foi possível com os resultados da intervenção planejada, pois os alunos se mostraram mais participativos na leitura do texto, o que, a nosso ver, possibilitou alguns avanços em relação às habilidades de leitura aqui mencionadas.

Por fim, foi planejado também verificar as implicações da ação didática com o texto literário para a formação do leitor literário. Esse objetivo foi alcançado em todo no decorrer do processo de intervenção na sala de aula, pois observamos como os alunos conseguiram estabelecer relações de sentido entre o texto literário e as suas experiências de vida, refletindo criticamente a partir da leitura do livro.

Nosso principal objetivo foi superar dificuldades de leitura dos alunos através de atividades direcionadas a partir do texto literário na escola. Portanto, o trabalho sistemático com o texto literário na sala de aula pode trazer de forma significativa bons resultados para que os alunos desenvolvam as habilidades de leitura e

compreensão. Assim, podemos dizer que esta pesquisa contribuiu não apenas para a formação leitora desses alunos, pois puderam praticar um modo diferente de ler um livro literário, mas também para a minha formação enquanto pedagoga.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando as estratégias de leitura. In: SOUZA, Ivane Pedrosa. BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo. (Org). **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. P. 59-76.

Brandão, Ana Carolina Perrusi. Rosa, Ester Calland de Sousa. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende In: Brasil, Ministério da Educação. (Org). **Coleção explorando o ensino**. V.20. Brasília: 2010, p.69-88.

BRASIL, Parametros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MECSEF,1998.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo O espaço da literatura na sala de aula. In: Brasil, Ministério da Educação. (Org). **Coleção explorando o ensino**. V.20. Brasília: 2010, p.55-68.

DIONE, Hugues. **A Pesquisa-Ação para o Desenvolvimento Local**. Brasília: Liber Livro editora, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. Ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

LEAL, Telma Ferraz. MELO, Kátia Reis. Planejamento do ensino da leitura: a finalidade em primeiro lugar. In: SOUZA, Ivane Pedrosa. BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo. (Org). **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. P. 39-58.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 2012.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. 1ª reimpressão. São Paulo: Biruta, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014 [1998].

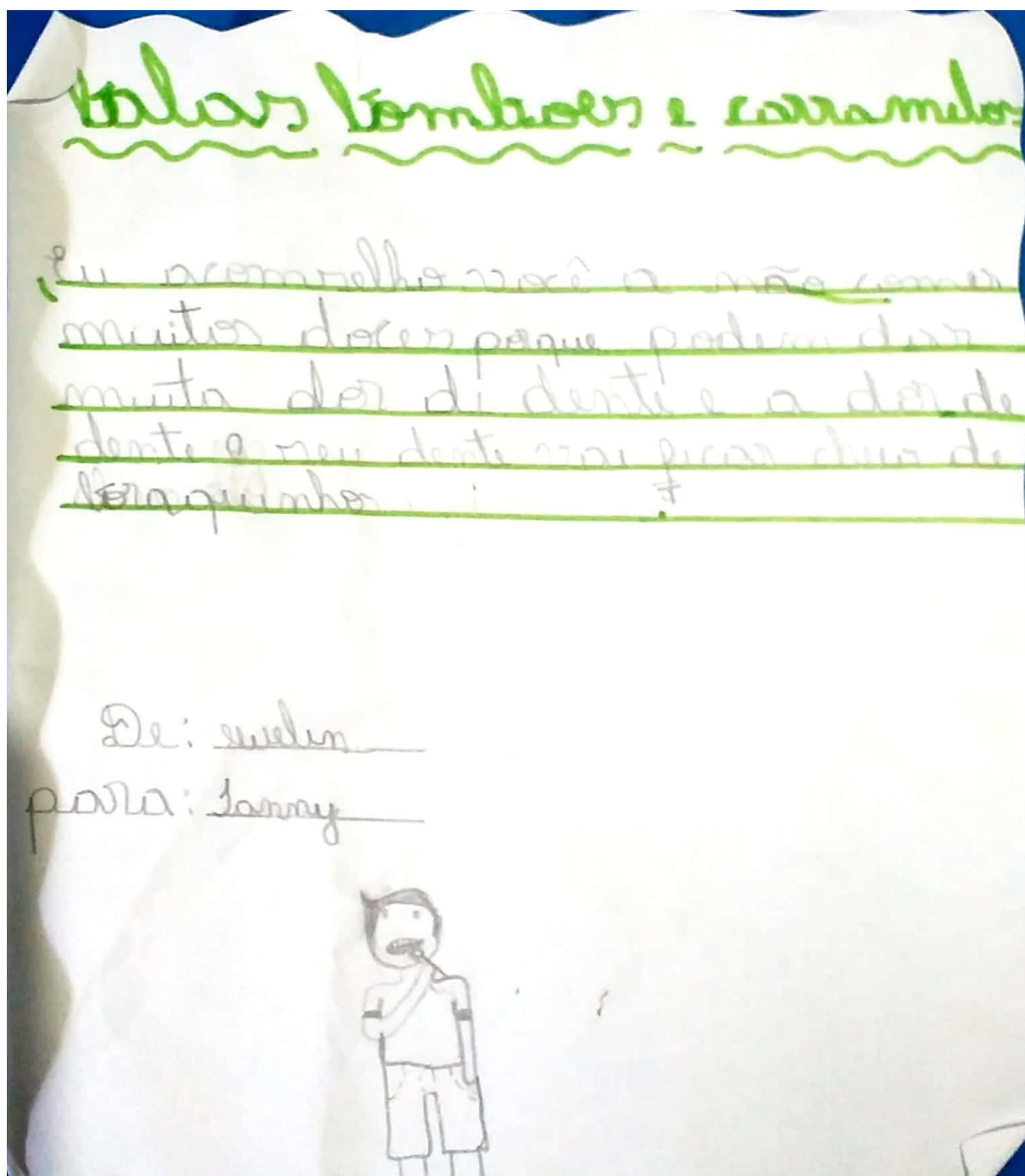
APÊNDICE A

Babos e a Pamela

Eu vou escrever este texto para minha prima que se chama Pamela. Todo dia ela reclama por não poder ir ao trabalho que tirasse férias. Ela tem um Bebe e ela se preocupa com ele para ele não se machucar e ela também tem um Bebe. Então de Babos aí ela tem todos os Babos e quando era hora de ir para casa ela ficava com dor de dente e ela ainda não que ir para o dentista até hoje ela ainda não que ir para o Dentista e essa foi a história da minha prima e ela comendo doces. Fim

Stefanie Soares de Barros Pontes

APÊNDICE B



APÊNDICE C

Para Estímulo

bolos, biscoitos e docinhos.

Trabalha estas palavras com a carta para você
 ler e entender. Bolos, biscoitos e docinhos
 para te ensinar a mãe como doces.
 Porque esse doce toda era.
 Te ensina a mãe que te ensina a mãe para
 saber ler e aprender a mãe como doces.
 Assim espero que goste de mãe com doces.

Com amor Sonny.



APÊNDICE D

Camila Ferreira da Silva
 Balões, bombons, caramelos
 não como deus de mãe porque ficaram
 com muita coragem e vai ficar com uma das
 supostas e tem cuidado porque esse dete
 pode ser e tem que é um dente arraca
 o dente furado, padre, cores e tudo mais
 tem tão não como de de mais por
 quer que dei para arraca um guiso
 lixei uma perigosa para não não com
 de ser vida e espero que não tem que escore
 o dente para ficar lipo e tem um sorriso
 tudo e feliz para todo mundo não em

APÊNDICE E

Balas BomBom, caramelo
 doce com Bala de leite para
 uma pessoa experimentando as melhores
 balas de leite de leite de leite
 milia como muitos doces em
 doces como salgadinho pipoca
 doces pilakita milia e muito
 mais da diadete BomBom
 Biscoitos refrigerantes, doces

Plata



APÊNDICE F

Bolas, Bambarr, Caracalhos.

E agora uma pequena história Para

uma princesa apaixonada por metidos

palas, quais do dom da sua língua.

castigats do etimôguis haemtrôis que meienati

Riute maisilecaty jâttimessê

lebrautramesorayânoro dautressu

mêtu vanderstipidno Andracomdo

h. 1. 1.

Gabriel



APÊNDICE G

~~Volta, Volte, Volta~~ ~~Volta~~ ~~Volta~~ ~~Volta~~

o gosto mais da Maria que to a ela os dentes

Isolando não é um mais do que o mesmo

dentes brilha e traga o ingua e o papel com

que ficou com os dentes e traga o e mais o

figuei' com o e com os dentes e traga o

e muito ruim meu irmão já ficou com os

dentes e traga o minha mãe já ficou

e muito ruim ruim minha mãe já ficou

muito de os e ela ficou com

dentes que ela com a traga o

mas os dentes e os dentes

do padre muito padre em casa

é também a história indica

que não pode com muito

de os — analfabeto

APÊNDICE H

Ingridy Murren

Bolos, docinhos, caramelo

Faca um pequeno bolo para uma pessoa e coloque as
massas feitas queira de dois ou três bolos.

Camilo é um amigo de todos os camels muito bom. Tipo
bolos, pirulitos, chocolate. Quando ele está com dor
de dente muitas vezes ele não consegue dormir. Então ele tenta
que ele arrancar o dente que ele não consegue. Então ele tenta
arrancar o dente o mal dele pronto para isso ele
tenta se não dentaria como dentes os dentes não
podem ser pra o dente. No final de toda essa história
ele disse como no fim aquela história ele responde
queu livro bolos, docinhos, caramelo de seu
número mais ele camels dentes porque ele aprendeu
a lição.

APÊNDICE I

~~leal e bom, honesto.~~

~~de fazer um pequeno teste para uma pessoa explicar as matérias dadas~~

~~que a criança tem esse livro~~

X

WILLIAN

~~filho de uma mãe muito doente e com problemas de saúde~~

~~perdeu a mãe muito jovem e com problemas de saúde~~

~~William tem muita dificuldade~~

~~de aprender a ler e escrever~~

~~é filho de uma mãe muito doente e com problemas de saúde~~

MATHES

~~filho de~~



APÊNDICE J

Bolos, Baniões, coronetas.
 Fogo um pequeno texto para com alguns explicados
 pelas quais da deve ter em linha

14. mas não a mesma coisa que muita coisa é
 a ler e muita coisa não tem de ler para não para não

WILLIAN



APÊNDICE L

Rebas Macfarms caromitas

Temperature differences

macondulepilento

monopoli di concorrenza

~~nao se pode cumular de disp~~

And come also my dear friends

quadripartite collaboration

Proboscidea Comridia die

~~1. Name of the~~

comedia

APÊNDICE M

Escola municipal gartemado miguel artur de alencar

Emilly kathleen do silva Santos.

1. Valas, limpando, e Caramelas

1. Causa a cárie não pela bactéria muito doce, mas
 porque fica com o dente do lado e irradia um gás
 se parar o dente do lado o dente do lado seu
 dente do lado não tem mais de ir a cárie e a cárie
 para no gás e a cárie que irradia os dentes
 de lado os dias



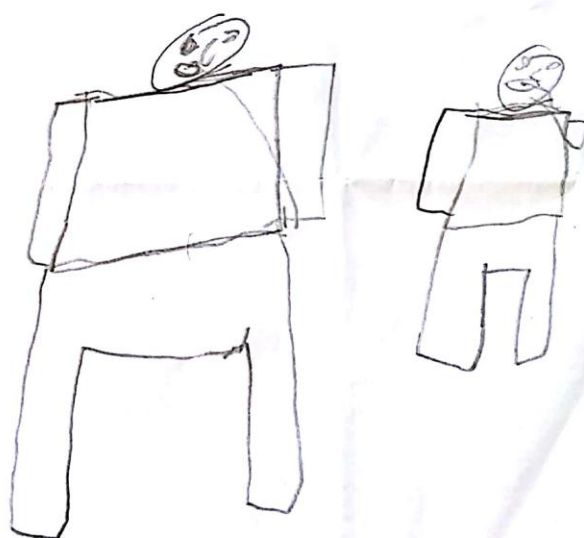
APÊNDICE N

Balas, Bombas, e munições.

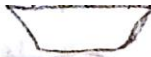
Escreva um papel no formato A4

uma folha de papel e os materiais

para fazer a arte de uma criança.



APÊNDICE O


 Balanço, Balanço, Caracanhas.

Façam um pequeno texto para
 uma pessoa explicando os motivos
 pelos quais ela deve ler esse livro.
 porque eu gosto desse livro em livro. Mostra
 um ~~ipapetama~~ que gosta de coisas de Monte.
 esse livro mostra que não se deve com Deus
 esse ~~ipapetama~~ em muito fentis e alage e luvando.

APÊNDICE P

todos homens, católicos. Lardid
 tem pessoas que come muito doce isso faz muito mal
 porque as pessoas ficam ficando com as cidades com as
 as dentes fada ter cidades

APÊNDICE Q

Resultados por turma		2º Ano do Ensino Fundamental
Escola: ESCOLA GOVERNADOR MIGUEL ARRAES		Língua Portuguesa
Turma: A		
TRI		
	Proficiência Média	519,9
	Padrão de Desempenho	Básico
	Participação	86,2%
TCT	DESCRIPTORIOS AVALIADOS	PERCENTUAL DE ACERTO
D01	Identificar letras entre desenhos, números e outros símbolos gráficos.	96,0
D02	Reconhecer as letras do alfabeto.	64,0
D03	Reconhecer as diferentes formas de grafar uma mesma letra ou palavra.	88,0
D04	Identificar as direções da escrita.	76,0
D05	Identificar a unidade palavra em frases.	72,0
D06	Identificar o número de sílabas de uma palavra.	24,0
D07	Identificar sílabas de uma palavra.	-
D08	Identificar rimas.	48,0
D09	Identificar variações de sons de grafemas.	82,0
D10	Ler palavras formadas por sílabas canônicas.	-
D11	Ler palavras formadas por sílabas não canônicas.	80,0
D12	Ler frases.	96,0
D13	Localizar informação explícita.	56,0
D14	Reconhecer os elementos que compõem uma narrativa e o conflito gerador.	64,0
D15	Inferir informações em textos.	38,0
D16	Reconhecer o assunto de um texto lido.	44,0
D17	Reconhecer o efeito de sentido decorrente de recursos gráficos, seleção lexical e repetição.	60,0
D18	Identificar efeito de sentido decorrente de recursos gráficos, seleção lexical e repetição.	76,0
D19	Reconhecer o gênero discursivo.	56,0
	Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.	56,0
	TOTAL	66,0

APÊNDICE R

Resultados por turma		2º Ano do Ensino Fundamental Matemática
Escola: ESCOLA GOVERNADOR MIGUEL ARRAES		
Turma: B		
→ TRI		
Proficiência Média		448,3
Padrão de Desempenho		Elementar II
Participação		100,0%
→ TCT		
	DESCRIPTORIOS AVALIADOS	PERCENTUAL DE ACERTO
D01	Identificar a localização/movimentação de objetos em mapas, croquis e outras representações gráficas.	15,4
D02	Identificar propriedades comuns e diferenças entre poliedros e corpos redondos.	98,1
D03	Identificar propriedades comuns e diferenças entre figuras bidimensionais pelo número de lados e tipos de ângulos.	42,3
D04	Comparar ou ordenar comprimento, altura e espessura.	-
D05	Identificar instrumentos utilizados para medir determinadas grandezas.	88,5
D06	Num problema, estabelecer trocas entre cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro.	42,3
D07	Ler horas em relógio de ponteiro ou digital.	38,5
D08	Num problema, reconhecer e utilizar as unidades usuais de medidas de tempo.	38,5
D09	Associar quantidades de objetos à sua representação numérica.	88,5
D10	Comparar ou ordenar quantidades pela contagem.	65,4
D11	Relacionar números a diferentes representações escritas.	73,1
D12	Comparar e/ou ordenar números naturais.	34,6
D13	Reconhecer números ordinais ou indicadores de posição.	-
D14	Calcular o resultado da adição ou subtração de números naturais.	28,8
D15	Resolver problema envolvendo adição e/ou subtração de números naturais.	65,4
D16	Resolver problema envolvendo multiplicação ou divisão de números naturais.	-
D17	Ler informações e dados apresentados em tabela.	69,2
D18	Ler informações e dados apresentados em gráficos.	15,4
TOTAL		56,3

APÊNDICE S

TRANSCRIÇÃO DA AULA

Linha		
1	Prof.	Olhem para essas imagens, vocês gostam dos alimentos que tem nas imagens?
2	A1	Eu gosto de brigadeiro!
3	A2	Eu gosto de tudo!
4	Als	Eu gosto de tudo!
5	Prof	Agora, eu vou fazer um quadro, pra ver quais alimentos vocês gostam mais. Começando por aqui. Qual alimento você gosta mais? frutas ou doces?
6	A1	Gosto de DOCES.
7	Prof	De doces!
8	Prof	E você?
9	A2	De fruta!
10	A3	É mais saudável.
11	Prof	E você?
12	A4	Ham:: FRUTA
13	A5	Fruta!
14	A6	Eu também.
15	A7	Fruta
16	A8	Fruta
17	A9	Doces
18	A10	Fruta
19	A11	Fruta
20	Prof	E você gosta de que?
21	A12	Fruta!
22	Prof	E vocês?
23	ALS	Frutas!
24	A4	Ela também gosta de brigadeiro.
25	Prof	E vocês?
26	ALS	Fruta
27	A3	As três de fruta.
28	Prof	E você?
29	A13	Fruta
30	Als	Ê::: fruta tá com mais ponto.
31	Als	Fruta, fruta, fruta.
32	Als	Ê::: ganhamos.
33	Prof	Agora eu vou pedir pra quem ta sentado de costas, virar e ficar espalhados.
34	Prof	Podem sentar aí.
35	A8 A9 A6	[[se ageita!]] [[Pode se sentar aí!]] [[vocês são muito bagunceiro]]
36	Prof	Presta a atenção agora!
37	Prof	Quem já viu esse livro?
38	A4	Eu!
39	A9	Eu!
40	Als	Não...
41	A4	Balas, bombons e doces
42	Prof	E esse livro fala de que?
43	A4	De um hipopótamo que gosta muito de doces.
44	A1	Balas, bombons e caramelos.
45	Prof	E quem não leu o livro, vamos ver se conhece alguma coisa

46	Prof	Estão vendo o título do livro? Balas bombons e caramelos.
47	Prof	Quem não leu o livro tá, vocês acham que vai ter o que no livro?
48	A1	DOCES!
49	A2	caramelo
50	Als	Bombons, pirulito, brigadeiro, sorvetes
51	A4	Chocolate!
52	Prof	E a autora desse livro? Da pra vocês verem?
53	Als	Da...
54	Prof	Como é o nome dela?
55	Als	Elizabet...
56	Prof	Não... o nome dela tá aqui em cima, Ana Maria Machado
57	Prof	Vocês conhecem essa autora?
58	Als	NÃO
59	Prof	Nem ouviram outra história dela?
60	Als	NÃO
61	Prof	Eu vou ler um pouquinho sobre ela, bem rapidinho, certo?!
62	Prof	Presta atenção. Ana Maria Machado é carioca, tem três filhos e mora no Rio de Janeiro. Mas gosta muito de calma. O Rio de Janeiro é calmo?
63	Als	Não...
64	Prof	É uma cidade bem agitada, não é?
65	Als	É::
66	Prof	Só que Ana Maria Machado, gosta de escrever seus livros em outra cidade, que é bem calma, no Espírito Santo, em frente a uma praia. Ela é formada em letra, foi professora, escritora, pintora. Várias coisas não é?! Mai o que ela gosta mesmo é de escrever livros, e esse é um dos livros dela.
67	Prof	Vamos agora ver o que tem nesse livro. Será que, o que vocês disseram vai acontecer? Será que terá balas, doces? Será?
68	A1	Vai ter não.
69	A4	Vai ter!
70	A9	Vai ter!
71	Prof	Vamos ver se as previsões de vocês estão correta, vamos ver se vai ter ou não.
72	Prof	Sim... e outra coisa, e esse animal aqui da capa.
73	Als	Um hipopótamo!
74	Prof	Vocês já viram um?
75	A4	Ô tia sabe por que tá pra ver? Porque tem um caramelo na boca dele!
76	Prof	Muito bem, tem um caramelo na boca dele.
77	Prof	Quem não leu o livro tá! Quem leu silêncio.
78	Prof	O que vocês acham que vai acontecer no livro? Vendo o hipopótamo com o caramelo na boca?
79	A3	Ele vai comer tudo
80	Prof	E qual será a relação dele com o título? O hipopótamo com Balas, bombons e caramelos? O que é que tem haver?
81	A3	Nada.
82	Prof	Será que ele gosta muito de doces?
83	Als	Gosta
84	Prof	Vamos ver se está correta as afirmações de vocês. Vamos lá.
85	Prof	Da pra ver?
86	Als	Da::
87	Prof	Deixa eu ler pra vocês .
88	Als	Silêncio:
89	Prof	Um grande sujeito, o Pipo, e não era só porque ele era um sujeito grande não: afinal havia ali por perto muitos outros bichos grandes... mas, nenhum tinha tantos amigos

		como o Pipo, o hipopótamo.
90	Prof	Porque será que ele tinha tantos amigos?
91	A3	Porque ele é guloso
92	A4	Porque ele tem a barriga muito fofa.
93	A2	Porque ele é muito grande.
94	Prof	Porque ele gosta muito de doces, Porque ele era muito grande! O que mais?
95	A4	Porque ele era muito gentil.
96	Prof	Porque ele era gentil? Será? E o que mais? Porque que ele tinha tantos amigos assim?
97	A8	Ele era muito grande!
98	A4	Ele era o maior animal da Amazônia!
99	Prof	Será:
100	Prof	Vamos ver o que vai acontecer na historia, porque o Pipo tinha tantos amigos.
101	Prof	Meninas olhem pra frente, vamos ver.
102	Prof	Olhem aí o Pipo, ele é grande mesmo não é?
103	A4	Ele é gordo.
104	Prof	É verdade que ele não tinha o pescoço tão comprido como a girafa, nem orelhas enorme como o elefante, nem um chifre no meio da testa como o rinoceronte mais também nem um deles/ sim, o Pipo vocês disseram que ele tinha vários amigos por varias coisas, ele não tinha um pescoço tão comprido como a girafa, não tinha um chifre no meio da testa como o rinoceronte, nem orelhas enormes como o elefante. O que sera que ele tinha de diferente?
105	Als	Orelha pequena, a barrigona,
106	A9	Porque ele gostava muito de doces, ele era o único animal que gostava de doces!
107	Prof	Ele era o único animal que gostava de doces, e o que mais? O que ele tinha de diferente?
108	A9	Ele comia doces
109	Prof	Vamos ver.
110	Prof	Olha só o que ele tinha. Nenhum deles tinha a simpatia do Pipo, a calma do Pipo e principalmente o sorriso do Pipo. Olha só o que ele tinha de diferente! O sorriso, a simpatia.
111	A9	A calma!
112	Prof	Estão vendo o que ele tinha de diferente!
113	A4	E comia muito doces!
114	Prof	Por isso todo mundo gostava dele. Dona tartaruga ficava horas...conversando com ele dentro da agua. Dona zebra vinha matar a sede bem ali, só pra ouvir as brincadeiras do Pipo, Sempre alegre! – quando as listras saírem de moda a senhora vai se pintar de flore? ((risos))
115	Prof	Ele era bem humorado ne? ((risos)). Olha só ele conversando com ela.
116	Prof	Alguns pássaros vinham voando de longe, de outros países, só para passar as férias com o Pipo que morava no Egito, perto do rio Nilo.
117	Prof	Olha aí os pássaros.
118	Prof	Até o seu crocodilo, que não era amigo de ninguém...gostava de bater papo com o Pipo, enquanto fingia dormir na beira do rio.
119	Prof	E aí? O Pipo era um grande amigo mesmo, não era? Porque até o crocodilo que não era amigo de ninguém?
120	Als	Era...
121	Prof	Olha só o que o crocodilo disse ao seu Pipo!
122	Prof	Sabe seu Pipo, o senhor deveria comer uma carniinha de vez em quando, não sei que graça o senhor acha em passar o dia mastigando esse capinzinho, se um bicho grande e forte como o senhor quisesse se juntar a mm, nós íamos mandar em todos...Pipo ria e nada dizia. Porque ele era mesmo de boa paz, se quisesse mandar nos outros até que seria capaz.

123	Prof	Porque será que ele poderia mandar nos outros?
124	A4	Porque ele é muito FORTE!
125	A9	Porque ele é grande!
126	A8	Porque ele é muito grande!
127	Als	Porque ele é muito grande, porque ele é muito forte.
128	A1	Grande, comilão.
129	A4	Porque ele é forte!
130	Prof	Mais ele não queria não ne?! Ele queria ser amigo de todo mundo...
131	A6	Eu acho que depois o macaco vai perguntar se ele vai querer comer banana!
132	Prof	Sera?! Será que o macaco vai perguntar se ele vai querer comer banana também?
133	A1	Vai!
134	Prof	Vamos ver, vamos ver se ela está com a ideia correta.
135	Prof	Olha só... mais preferia seu sossego, cercado de amigos não gostava de aventuras, não queria saber de perigo, passava o dia dentro d'água, pensando, bocejando e mastigando.
136	Prof	Seu Ibis um dia lhe trouxe mais minhocas, seu Ibis era esse pássaro aqui ô.
137	A4	Bem pequenininho.
138	Prof	Prove seu Pipo, são deliciosas, gostosas, saborosas, comer capim assim, acaba sendo ruim.
139	Prof	Psiiu... estão prestando a atenção?
140	Prof	Pipo achava graça, mas não comia e estava cada vez mais gordo... mais balofo... mais preguiçoso e sempre risonho, bem humorado.
141	Prof	Olha aqui ô, olha as minhoquinhas que ele trouxe pra ele.
142	Prof	E ai, por que será que ele era tão gordo?
143	A1	Porque ele comia muito.
144	A9	Porque ele comia doces, ele não só comia capim, ele também comia doces.
145	A1	Porque ele era forte, ele era barrigudo.
146	Prof	Muito bem.
147	Prof	Até que um dia o bom humor foi embora, Pipo encheu a boca de água como sempre fazia e deu um grito.
148	Prof	Porque será que o Pipo deu um grito? Ele era tão bem humorado, porque será que ele deu um grito?
149	A1	Porque ele comeu peixe
150	A2	Ele ficou com medo de se afundar!
151	Prof	Ai deu um grito? Hum... será?
152	A4	Hipopótamo não se afunda!
153	A1	Porque ele ficou atolado.
154	Prof	Vamos ver o que aconteceu.
155	Prof	Olha ele ai gritando ô
156	A1	Ai::
157	Prof	Até o passarinho se assustou.
158	Prof	Olha só:: todo mundo correu pra ver o que era... foi logo uma correria, tudo quanto é bicho apareceu aflito. – o que foi? O que aconteceu? Algum bicho te mordeu? Mais Pipo nem respondeu, só gritou, ai:: que dor!
159	Prof	Qual será a dor que ele tava sentindo?
160	A9	No dente, que ele comeu doces, e o dente começou a doer
161	Prof	O dente começou a doer porque ele comia doces?! Será?
162	A9	Sim!
163	A8	O dente quebrou de tanto ele comer doces
164	A4	O dente começou a doer de tantos doces que ele comia!
165	Prof	Será?
166	A4	É, é que eu já li
167	Prof	Vamos lá, vamos ver
168	A3	Se for mentira ((risos))

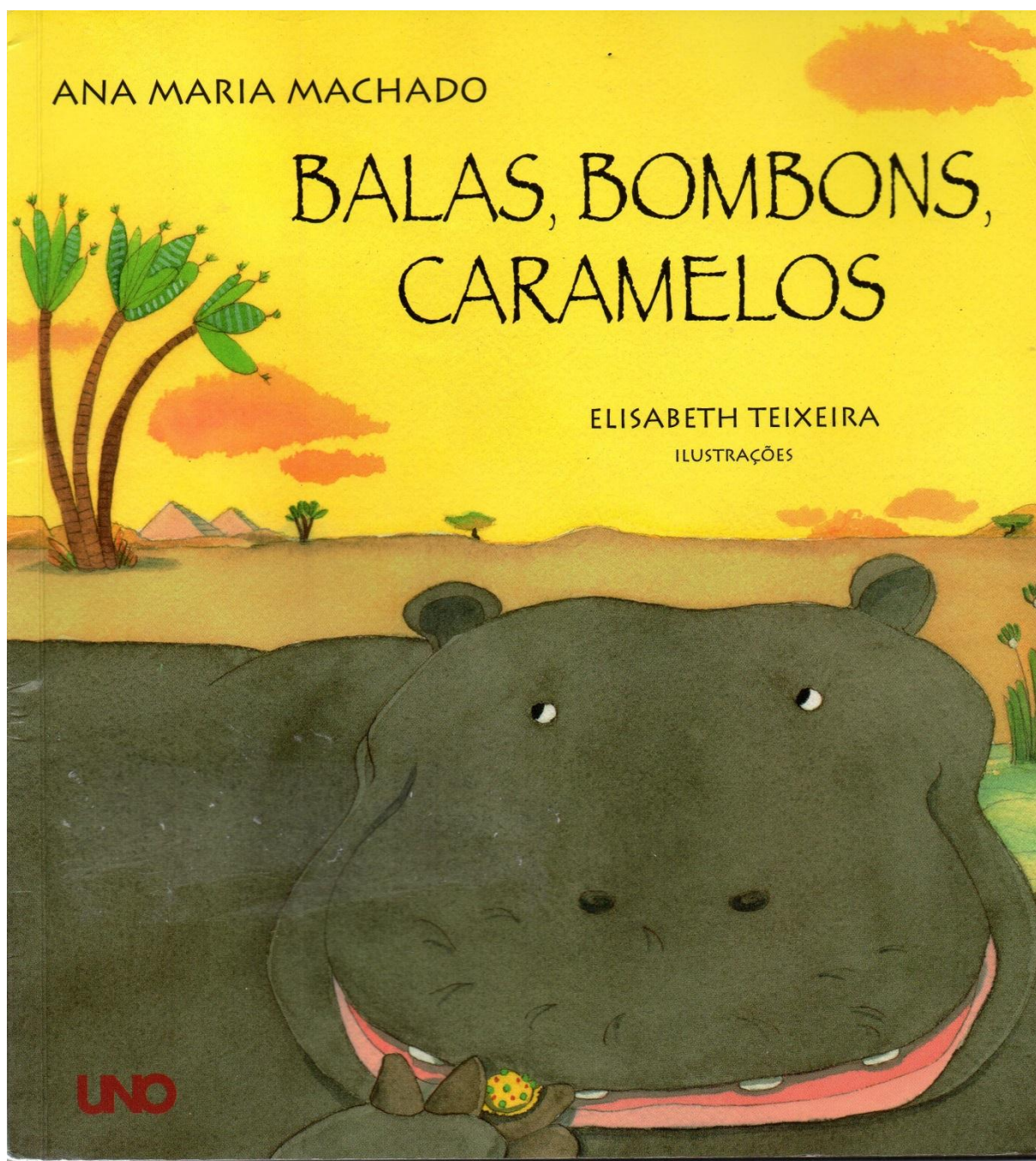
169	Prof	Veio o doutor camelo... ô o camelo lá. Mas não pode dar jeito, o caso não era com ele explicou e todo mundo se espantou. Alguma coisa está errada, mas não posso fazer nada! É preciso um especialista e indicou um dentista.
170	Prof	Pra que um dentista? Será que tava certo?
171	A9	Pra arrancar o dente dele:
172	Prof	Pra arrancar o dente dele? Será?
173	A1	É!
174	A4	Pra examinar o dente
175	Prof	E o que será que Pipo tinha?
176	A9	Dor de dente
177	A4	Porque ele comeu muito doces
178	Prof	Será? vamos lá!
179	Prof	Olha ai o doutor camelo, presta a atenção::
180	Prof	Enquanto dona cegonha foi voando chamar o dentista Pica-Pau, que morava muito longe. Cada um ali tentou ajudar Pipo. Dona tartaruga trouxe umas ervas que cresciam na beira de um lago, perto do rio, os outros bichos ficaram conversando e contando piadas para distrair Pipo, e dona zebra perguntou: – o senhor que alguma coisa? Pipo respondeu: - quero sim, minhas que eu guardo ali naquele oco.
181	Prof	Olha só as balas dele ali. E aí? Isso explica alguma coisa? Essas balas?
182	A1	Não::
183	A4	Sim:::
184	A9	Ele tava comendo, ai ficou com dor de dente.
185	Prof	E então todo mundo ficou sabendo! Sabendo o que? Que Pipo não comia a comida dele como todo mundo pensava, passava o dia inteiro mastigando balas, bombons, chocolates, caramelos, doces e chicletes, por isso é que agora estava com os dentes emburacados, todos acariados...
186	Prof	Olha ai ô, olha o dente dele, cheio de buraquinhos
187	A4	Isso é o dente dele?
188	Prof	É o dente dele cheio de buraquinho e ele ainda comendo doce, chocolate, bombom, bala.
189		Quando o dentista chegou, teve a maior trabalhadeira, com a ajuda do elefante montou seu consultório ambulante, depois não foi brincadeira, examinou os dentes do Pipo cheio de buracos, limpou, tratou, colocou massa, tapou a buraqueira e no final explicou:
190	Prof	Olha ai ô ele fazendo todo o trabalho dele
191	Prof	Cada bicho/ olha só o que o Pica-pau dentista explicou! Cada bicho tem seu dente de acordo com o que come, uns necessitam de carne para matar sua fome esses tem dentes afiados para () e rasgar, outros tem dentes achatados, muito bons para esmagar são dentes especiais para capim e cereais, mas dente pra comer bala... ainda não foi inventado e quem experimentar! Fica todo cariado.
192	Prof	Olha ai ele explicando!
193	Prof	Olha só Pipo escovando os dentes... olha só o tamanho da escova.
194	A4	Parece uma vassoura
195	Prof	Pipo ouviu com atenção, mudou a alimentação e ganhou um vassourão, desses de passar no chão, só que era para a boca, uma escova de dente gigante e seus dentes não doeram nunca mais daí por diante...
196	Prof	E aí? Gostaram da história?
197	Als	Sim::
198	Prof	Será que Pipo ainda vai comer doces?
199	Als	Não!
200	Prof	Porque?
201	A8	Porque o dente dele começa a doer e fica todo esburacado.
202	A4	E com carie
203	Prof	E ai, agora vocês podem explicar porque o título do livro é balas, bombons e

		caramelos?
204	A4	Porque ele comia balas e caramelos!
205	A9	Porque todos os dias ele comia doces
206	A1	Deixa eu ver o livro tia?
207	Prof	Pode passar pra todo mundo olhar.
208	A1	Primeiro eu!
209	Prof	E a gente, será que podemos comer tantos doces assim?
210	A8	Não, porque estraga os dentes.
211	Prof	Estraga o dente?!
212	Prof	Nosso dente aguenta tantos doces?
213	Als	Não::
214	A4	Senão ia ficar com carie
215	Prof	Vocês prestaram a atenção na história? O que foi que o dentista disse?
216	Prof	Presta a atenção agora! Como é o seu nome?
217	A8	Camila!
218	Prof	Camila vai dizer pra gente agora o que foi que o dentista disse! Ele falou que tinha dente de que?
219	A8	Que tinha dente pra comer a comida certa!
220	Prof	Mas não tinha dente pra comer doce, não era?!
221	Prof	E vocês já tiveram dor de dente?
222	Als	[eu] [eu não] [eu tenho] [doeu muito]
223	Prof	Não é ruim?
224	Als	É::
225	Prof	Doe muito?
226	Als	Sim!
227	Prof	E o que foi que vocês fizeram quando tiveram dor de dente?
228	A1	Vai pro dentista!
229	A9	Tomei remédio
230	Prof	Tomou remédio?! E o que mais
231	A6	Escovei os dentes
232	Prof	Escovou os dentes...
233	Prof	E o que a gente deve evitar pra não ter dor de dente?
234	A4	Não comer muito doce
235	A9	Não comer doce
236	Prof	E fazer o que? O que foi que a colega ali disse?
237	Als	Escovar os dentes
238	Prof	E vocês têm o abito de escovar os dentes?
239	A4	Sim:
240	Prof	Todo mundo aqui tem o abito de escovar os dentes?
241	Als	Sim::
242	Prof	Quantas vezes por dia vocês escovam os dente?
243	A1	Uma:
244	A4	Três:
245	A3	Quatro, de manhã de tarde e à noite, TRÊS
246	Prof	E vocês sabem que o certo tem que ser toda vez depois de comer
247	A1	É, toda vez que comer tem que escovar os dentes, comeu chocolate, tem que escovar os dente:
248	Prof	Tem escovar os dentes, não é?! Tem que ser depois de cada ali...
249	Als	Alimento::
250	Prof	Muito bem.

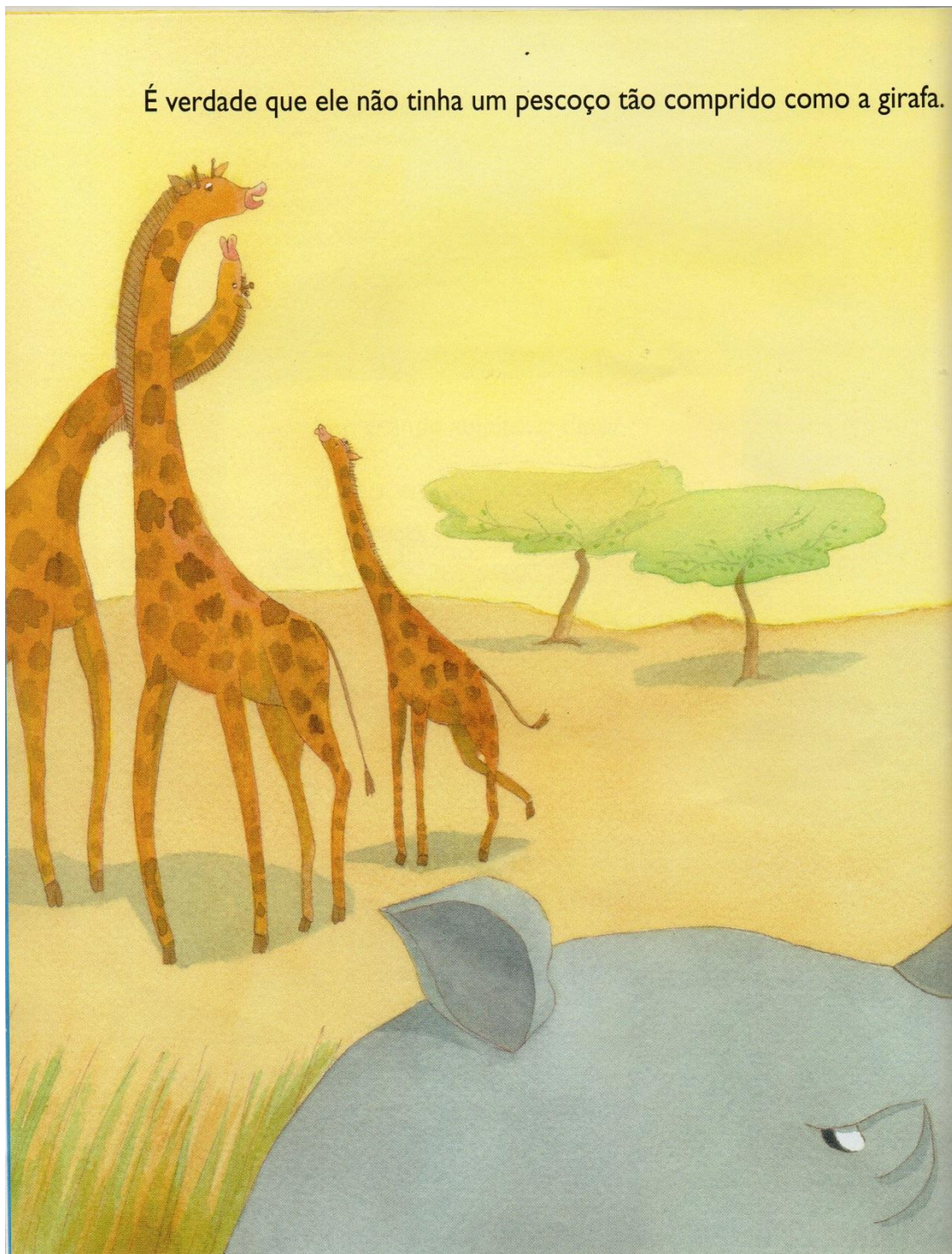
251	Prof	Prestem a atenção agora que eu vou passar uma coisa pra vocês fazerem, certo?
252	A1	Escovar os dentes, não comer DOCE
253	Prof	O que vocês acharam dessa história?
254	Als	Boa
255	Prof	Porque? O que é que ela nos ensina?
256	A1	A escovar os dentes, não comer doces
257	A3	Tem que escovar os dentes
258	Prof	E alguém sei identificou com o Pipo?
259	A4	Eu não
260	Prof	Com o personagem o hipopótamo, alguém achou essa história parecida, assim... já comeu muito doce e teve dor de dente?
261	A4	Eu já:
262	Als	Já::
263	Prof	Tu se identificou com o Pipo? Tu achou parecido a sua história?
264	A6	haram... Eu achei.
265	Prof	Achou!
266	Prof	Ninguém aqui ficou com o dente cariado?
267	Als	Sim:
268	Prof	E vocês recomendariam essa leitura pra alguém que tem dor de dente, que come muito doce, recomendariam pra fazer a leitura do livro?
269	Als	Sim:
270	Prof	Pra quem vocês recomendariam? Pra uma pessoa que tem uma história assim, parecida com a do Pipo.
271	A6	Minha irmã
272	Prof	Sua irmã?!
273	A1	Pra meu colega, pra (), pra um amigo.
274	Prof	Pra seu colega!
275	Prof	Agora eu vou pedir pra vocês fazerem um pequeno texto
276	Als	a...
277	Prof	Pra fazer um texto pra alguém que vocês acham que deve ler o livro e dizer os motivos do porque vocês estão indicando essa pessoa.
278	Prof	Certo?
279	A3	Eu não sei não tia:
280	Prof	É rapidinho pra depois a gente fazer um mural bem bonito.

APÊNDICE T

LIVRO: BALAS, BOMBONS E CAMELOS

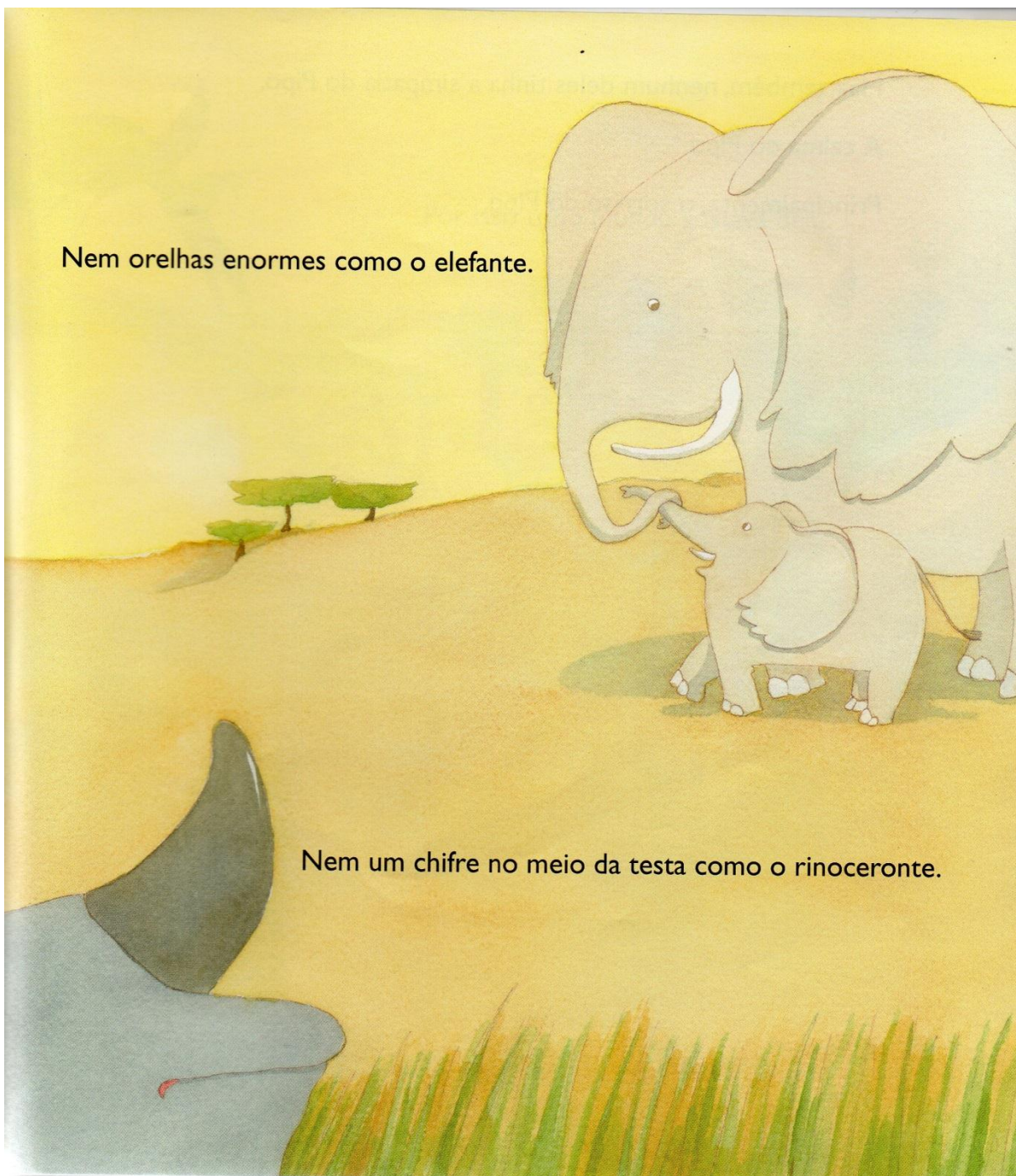


É verdade que ele não tinha um pescoço tão comprido como a girafa.



Nem orelhas enormes como o elefante.

Nem um chifre no meio da testa como o rinoceronte.

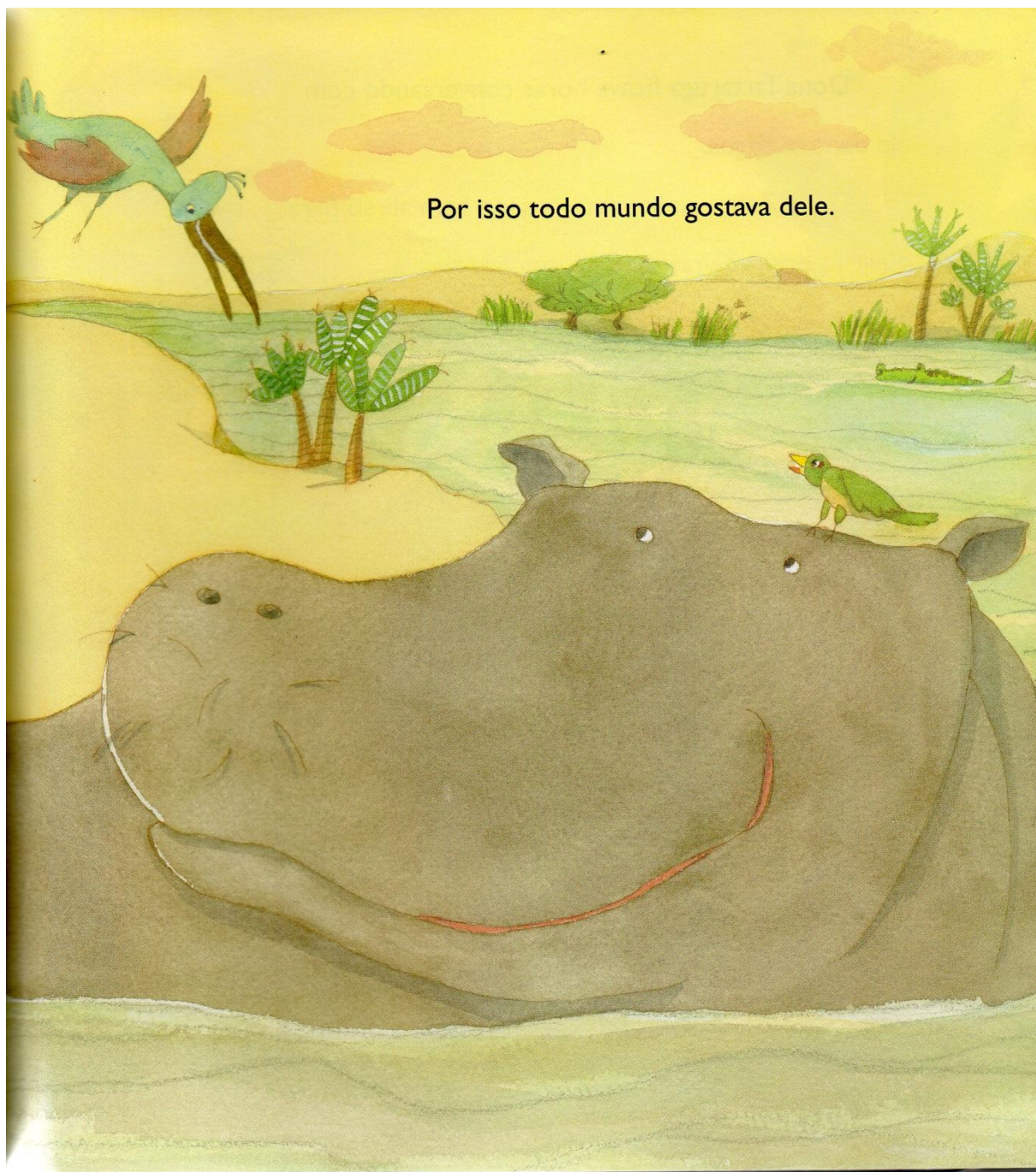


Mas, também, nenhum deles tinha a simpatia do Pipo.

A calma do Pipo.

Principalmente, o sorriso do Pipo.

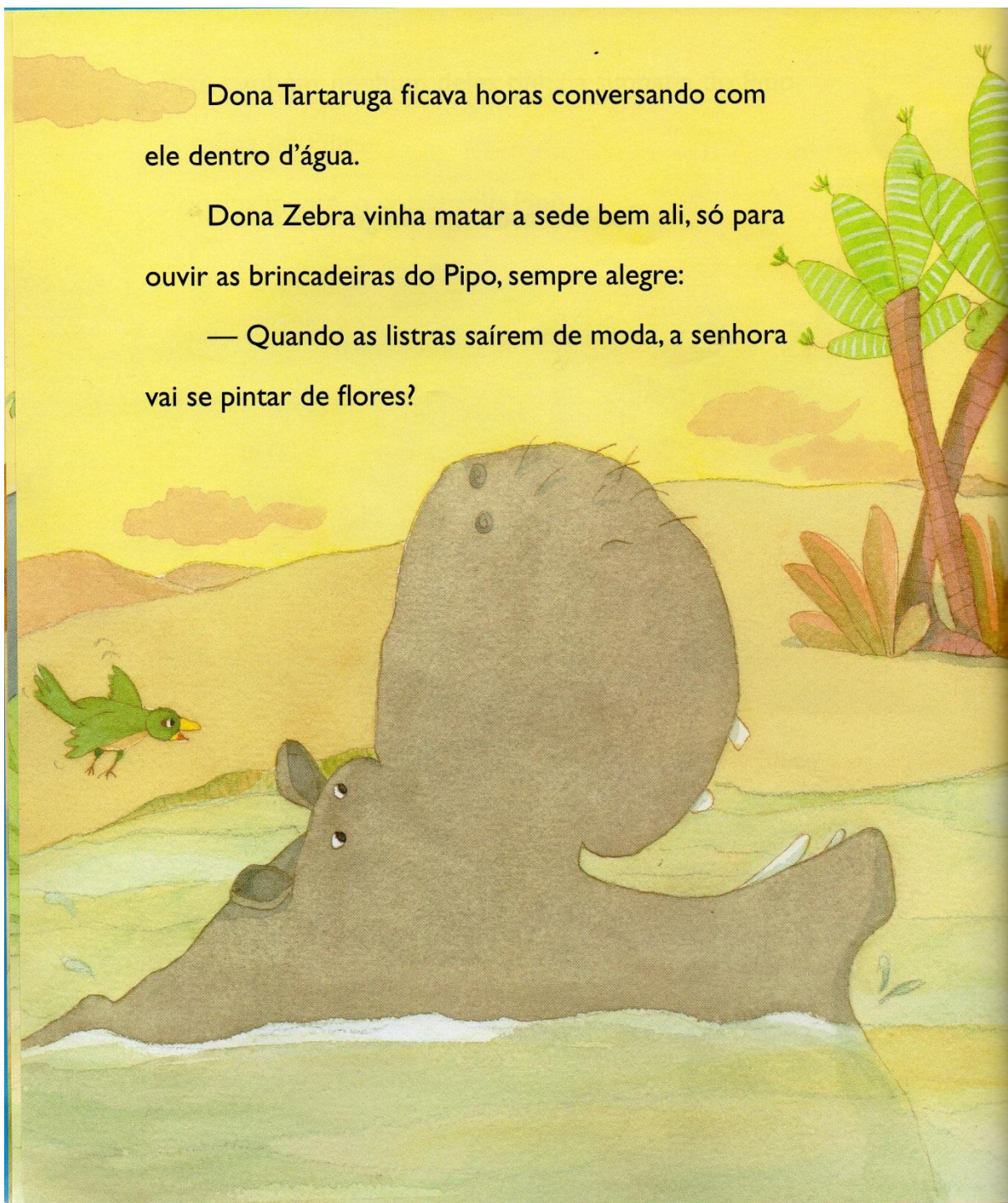




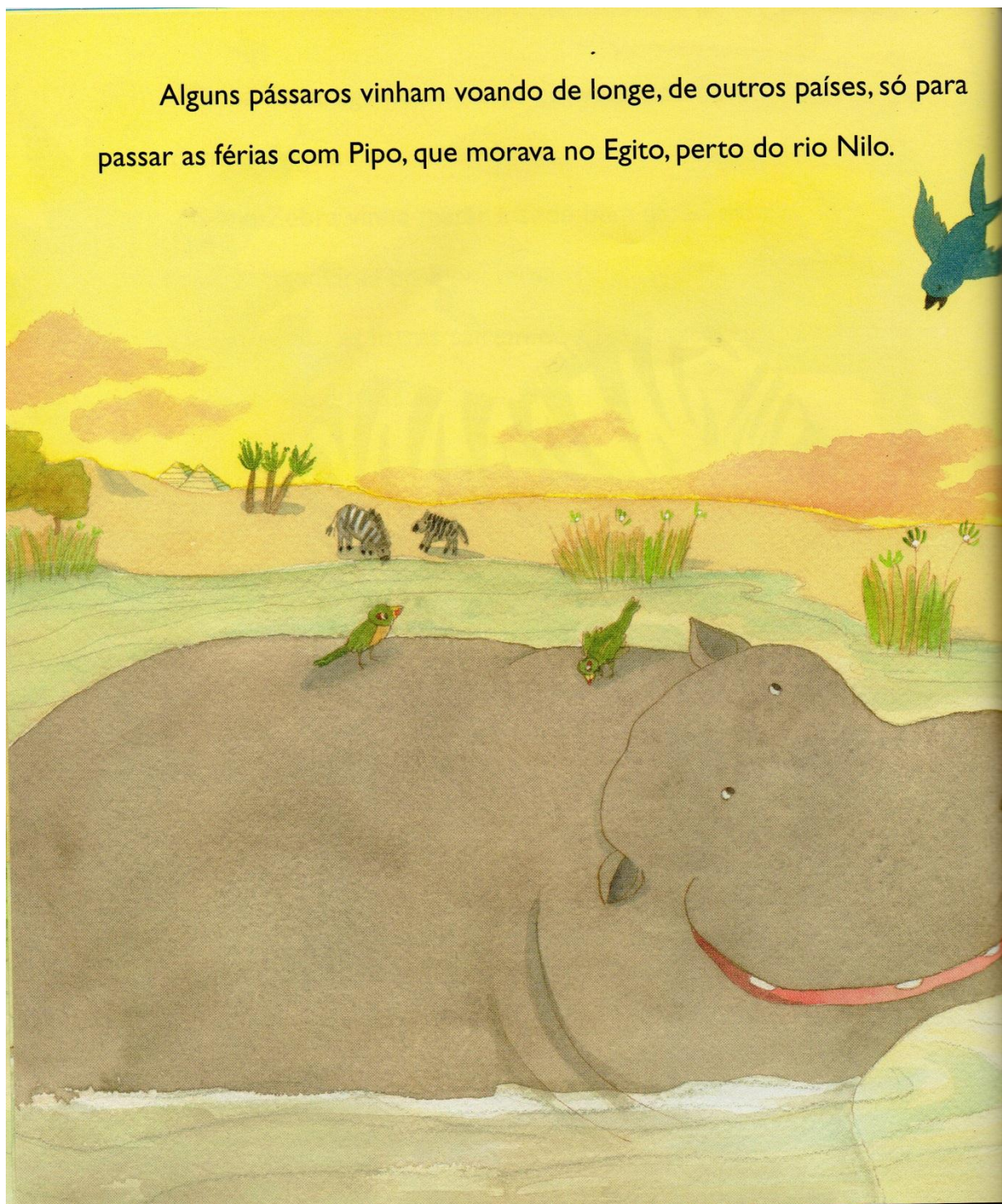
Dona Tartaruga ficava horas conversando com ele dentro d'água.

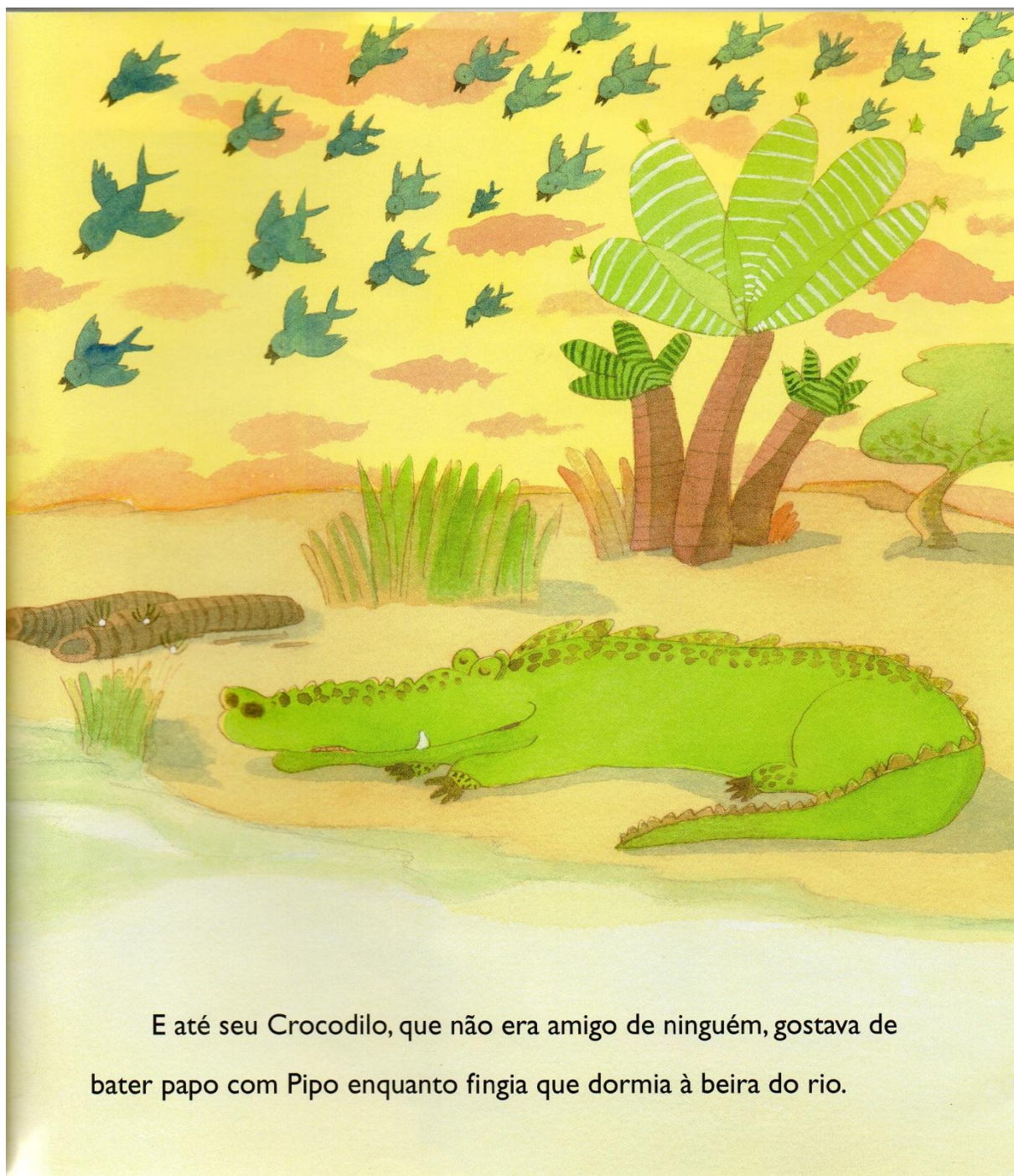
Dona Zebra vinha matar a sede bem ali, só para ouvir as brincadeiras do Pipo, sempre alegre:

— Quando as listras saírem de moda, a senhora vai se pintar de flores?

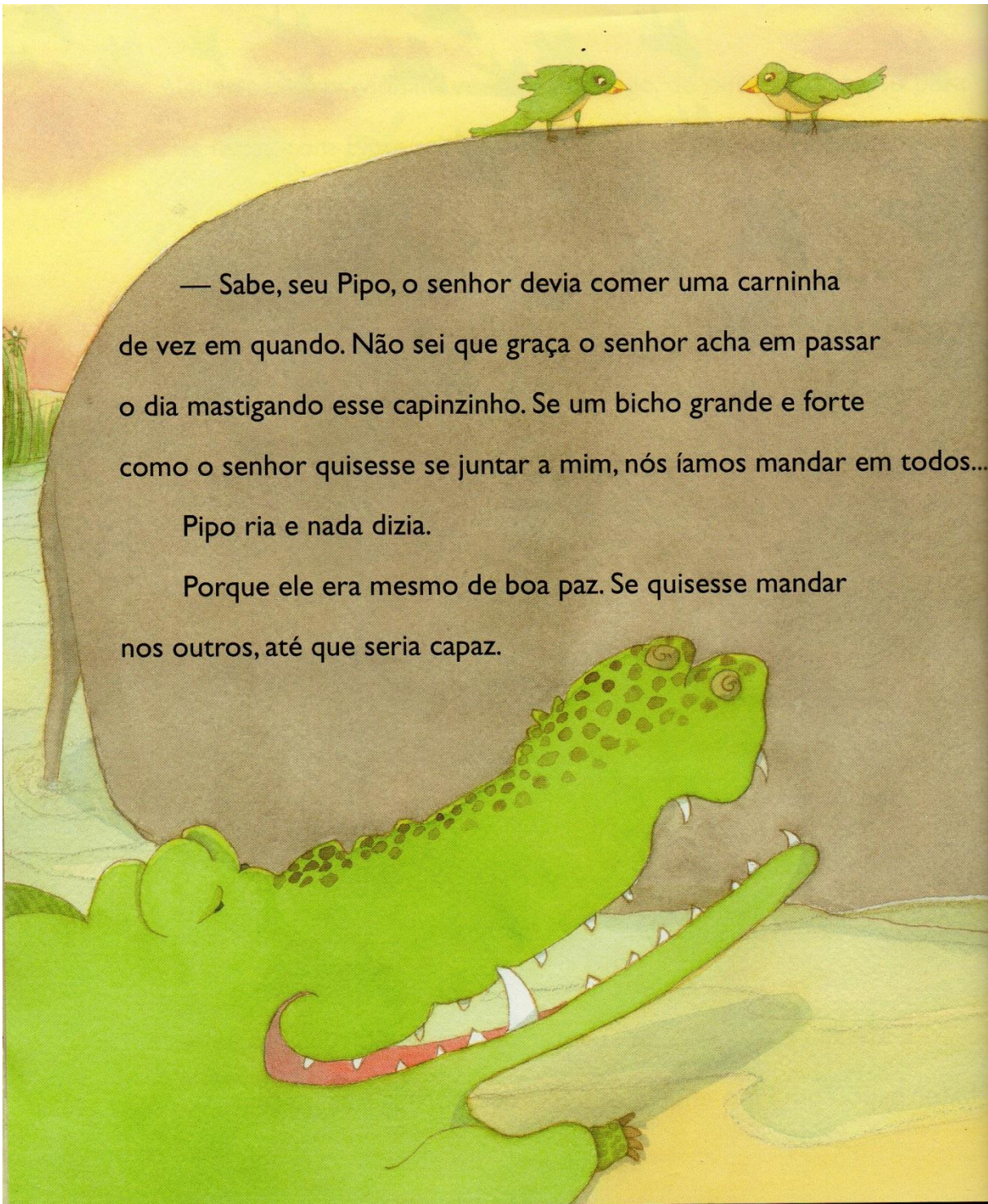


Alguns pássaros vinham voando de longe, de outros países, só para passar as férias com Pipo, que morava no Egito, perto do rio Nilo.





E até seu Crocodilo, que não era amigo de ninguém, gostava de bater papo com Pipo enquanto fingia que dormia à beira do rio.

An illustration of a green crocodile with dark spots on its back, lying on a sandy beach with its mouth open, showing sharp teeth. Two small green birds with yellow beaks are perched on a large, dark grey rock in the background. The sky is a warm yellow-orange color, suggesting a sunset or sunrise. The crocodile is looking up at the birds.

— Sabe, seu Pipo, o senhor devia comer uma carinha de vez em quando. Não sei que graça o senhor acha em passar o dia mastigando esse capinzinho. Se um bicho grande e forte como o senhor quisesse se juntar a mim, nós íamos mandar em todos...

Pipo ria e nada dizia.

Porque ele era mesmo de boa paz. Se quisesse mandar nos outros, até que seria capaz.

Mas preferia seu sossego, cercado de amigos. Não gostava de aventuras, não queria saber de perigos.

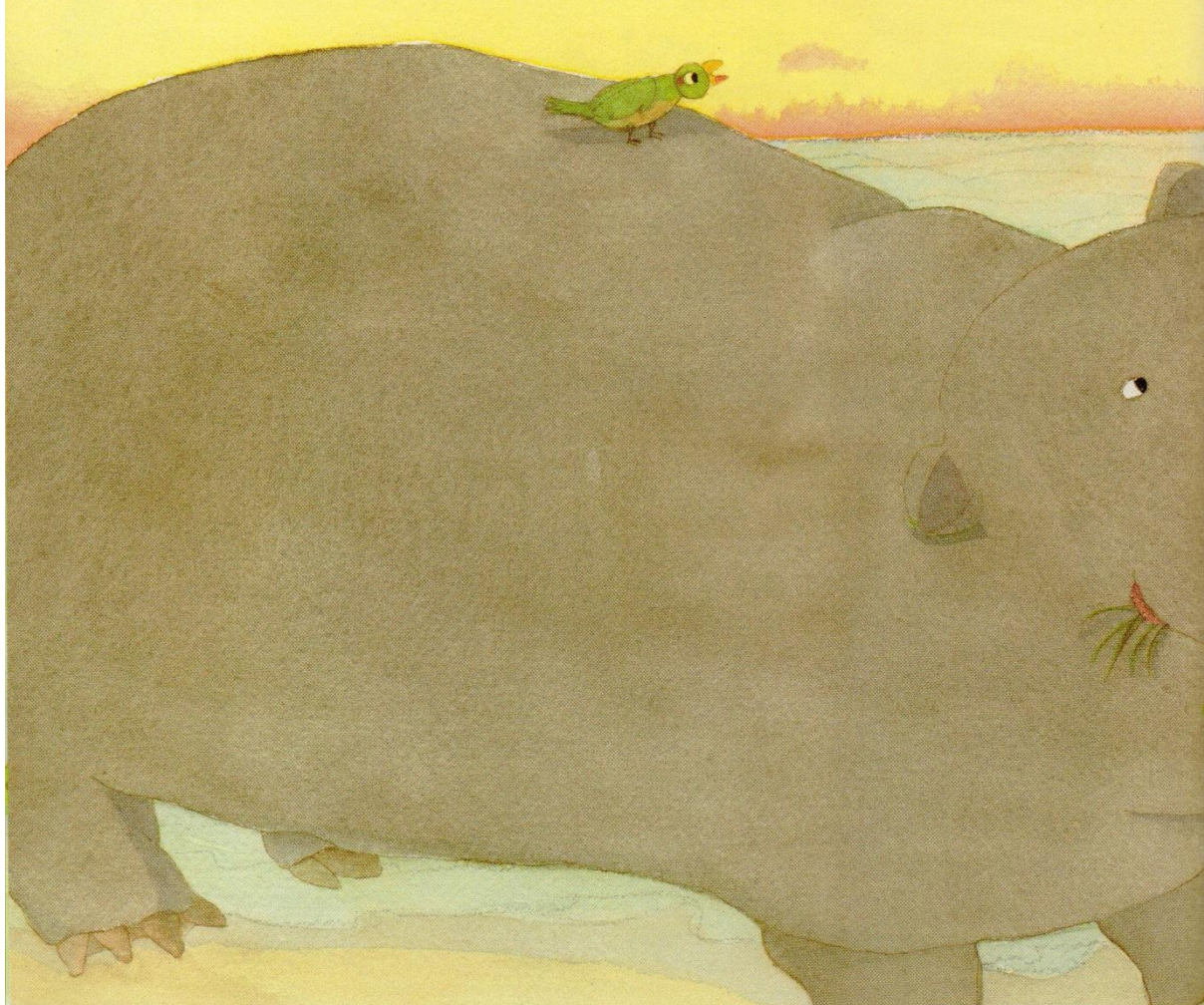
Passava o dia dentro d'água, pensando, bocejando, mastigando.



Seu Íbis, um dia, lhe trouxe umas minhocas:

— Prove, seu Pipo. São deliciosas, gostosas, saborosas. Comer capim, assim, acaba sendo ruim.

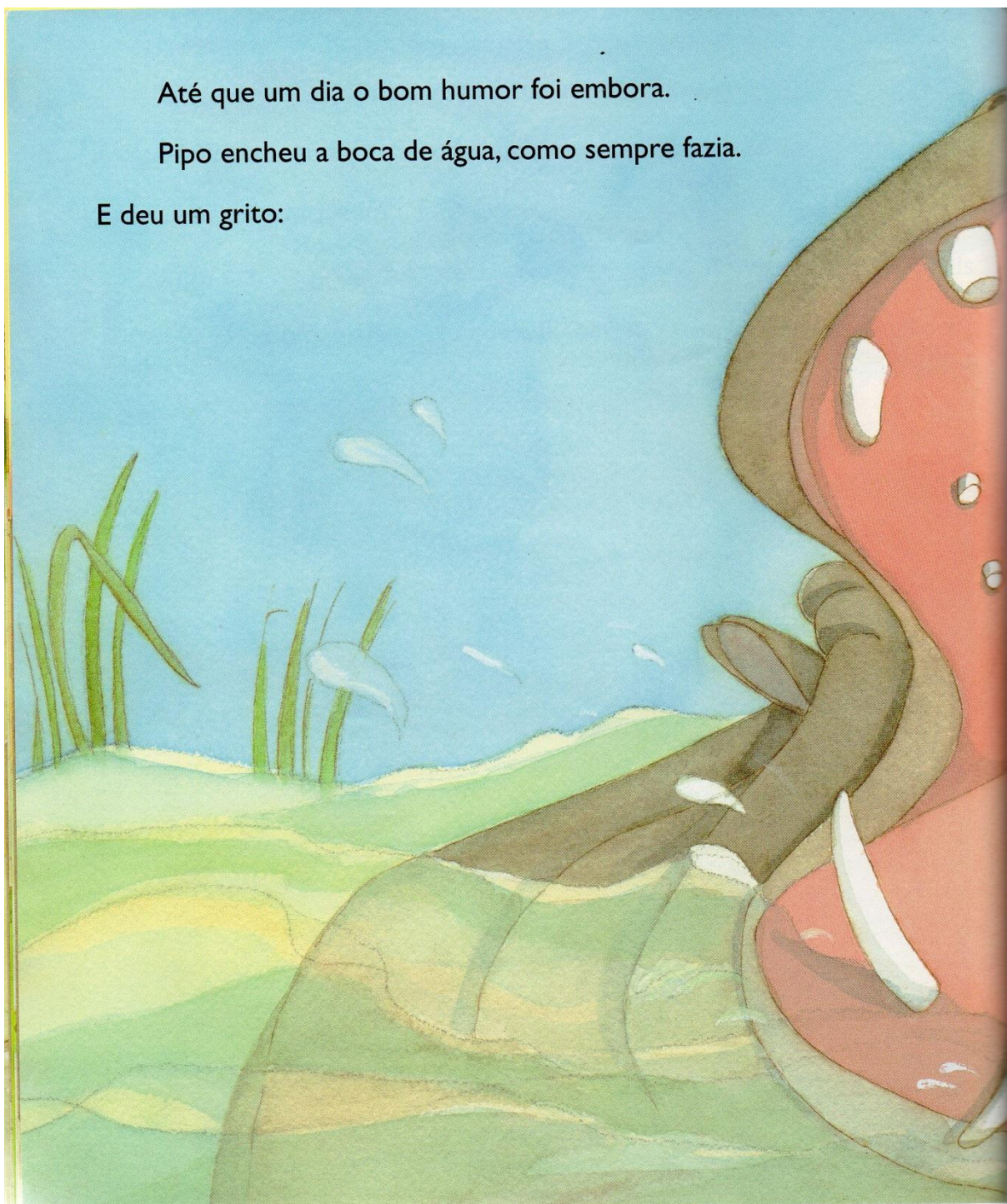
Pipo achava graça, agradecia, mas não comia. E estava cada vez mais gordo, mais balofo, mais preguiçoso. E sempre risonho, bem-humorado.

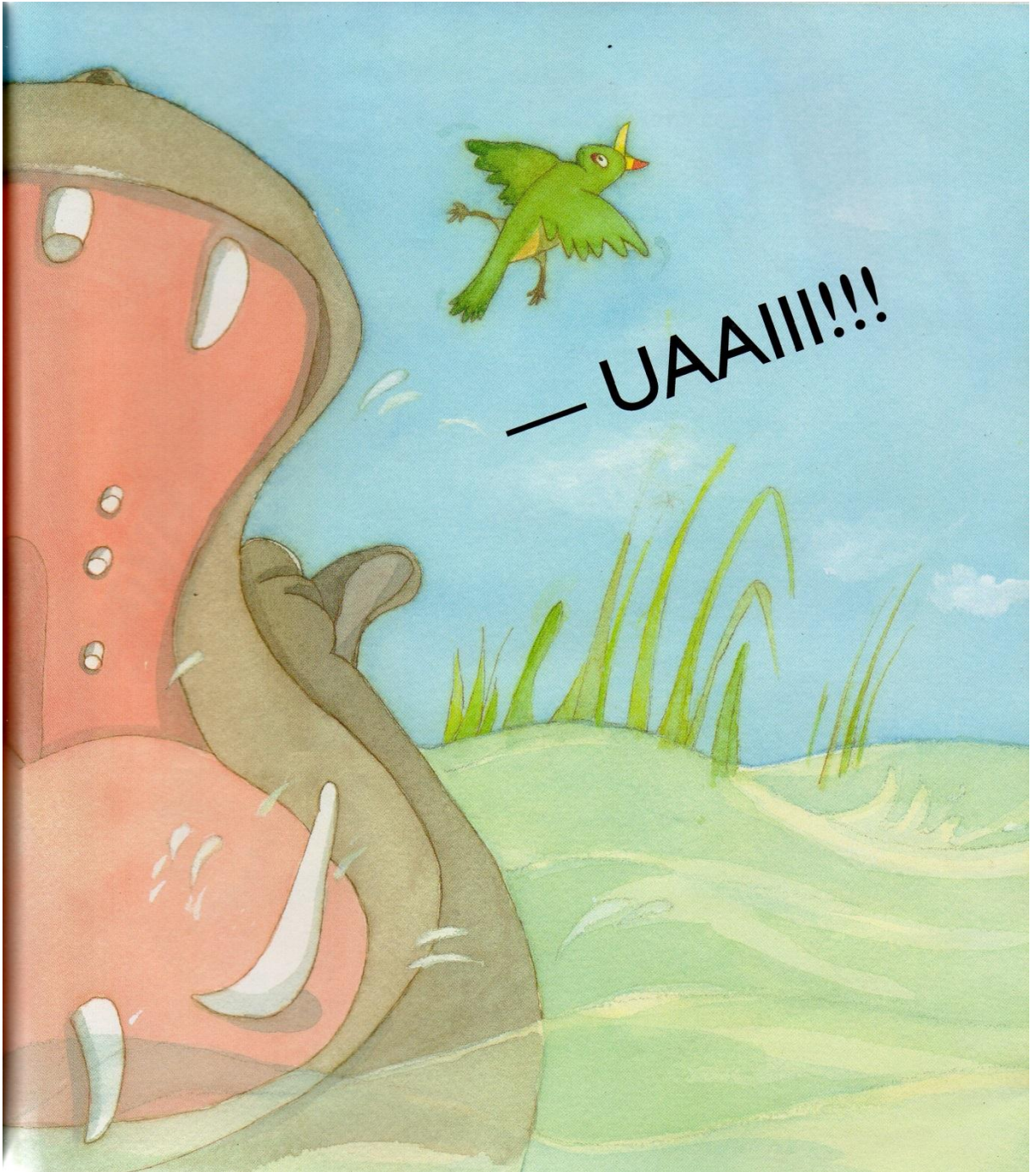


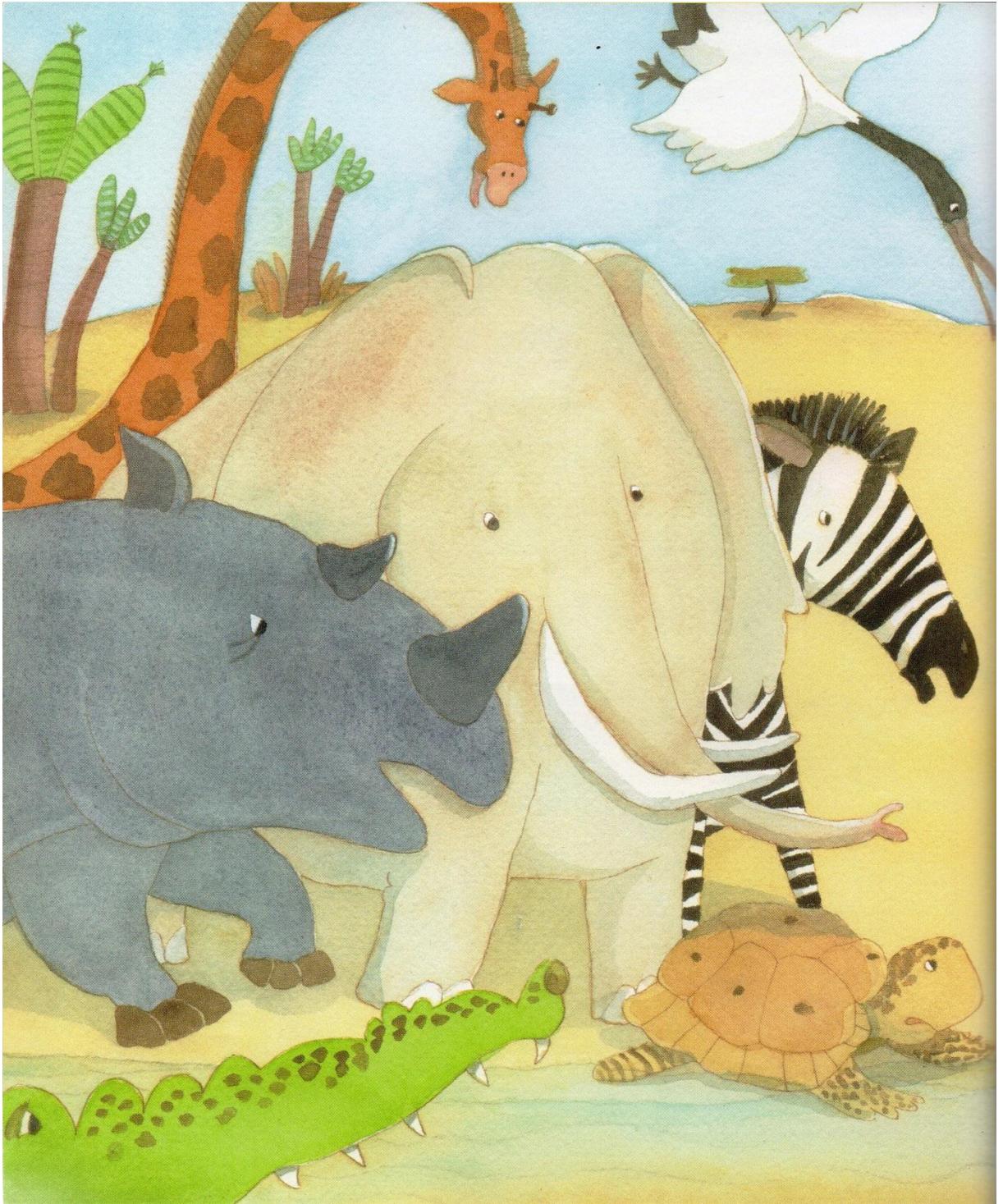
Até que um dia o bom humor foi embora.

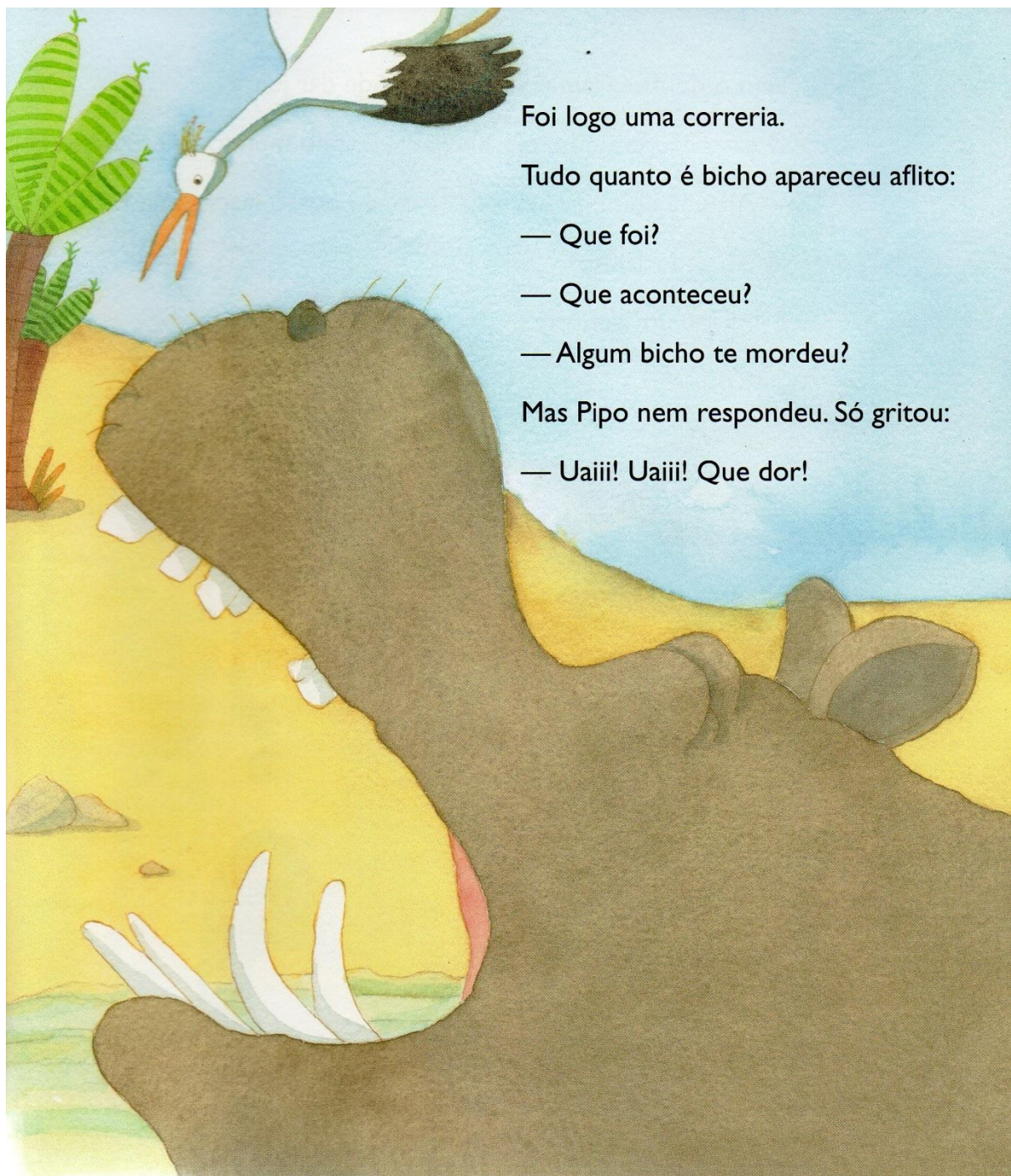
Pipo encheu a boca de água, como sempre fazia.

E deu um grito:









Foi logo uma correria.

Tudo quanto é bicho apareceu aflito:

— Que foi?

— Que aconteceu?

— Algum bicho te mordeu?

Mas Pipo nem respondeu. Só gritou:

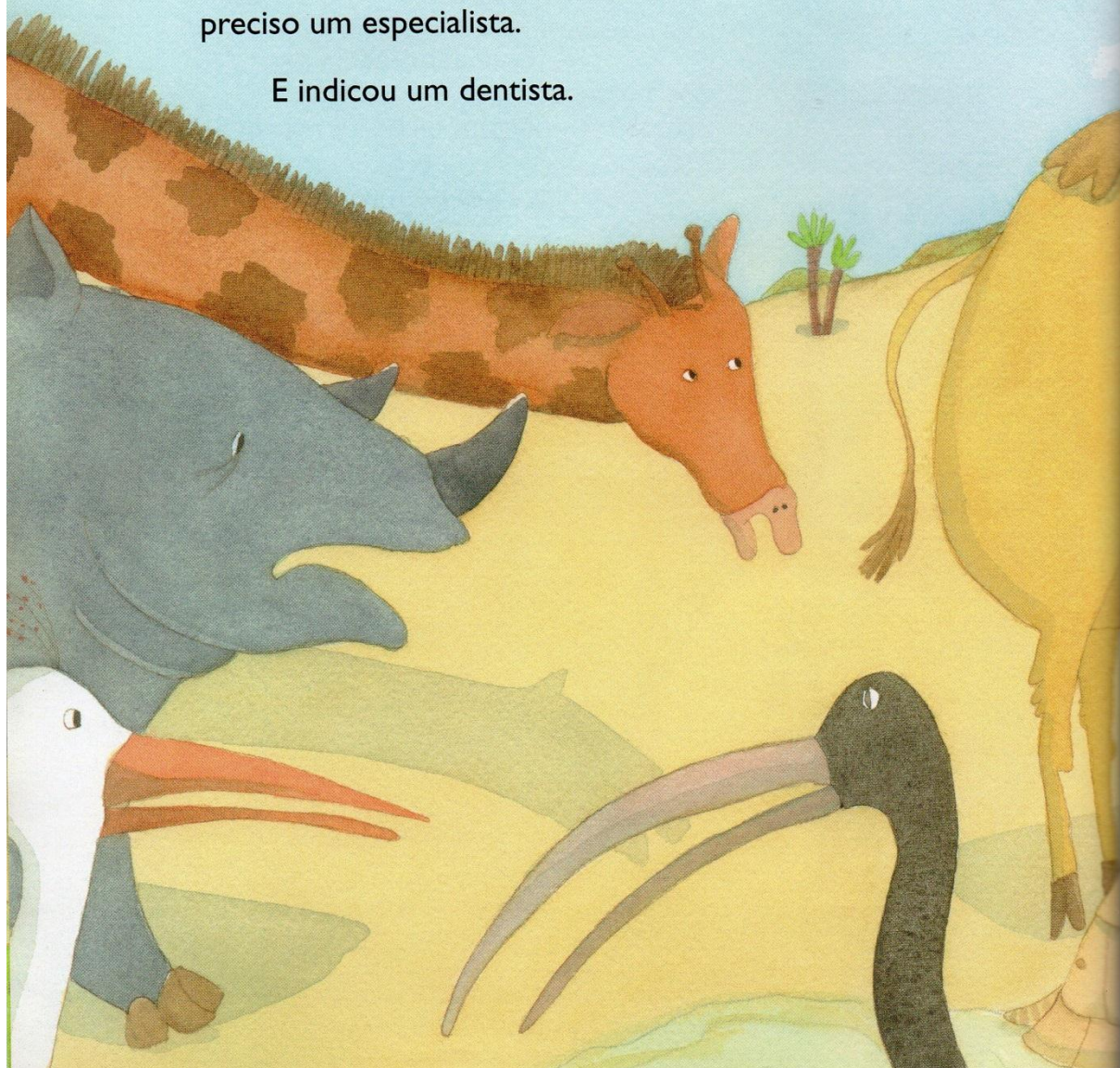
— Uaiii! Uaiii! Que dor!

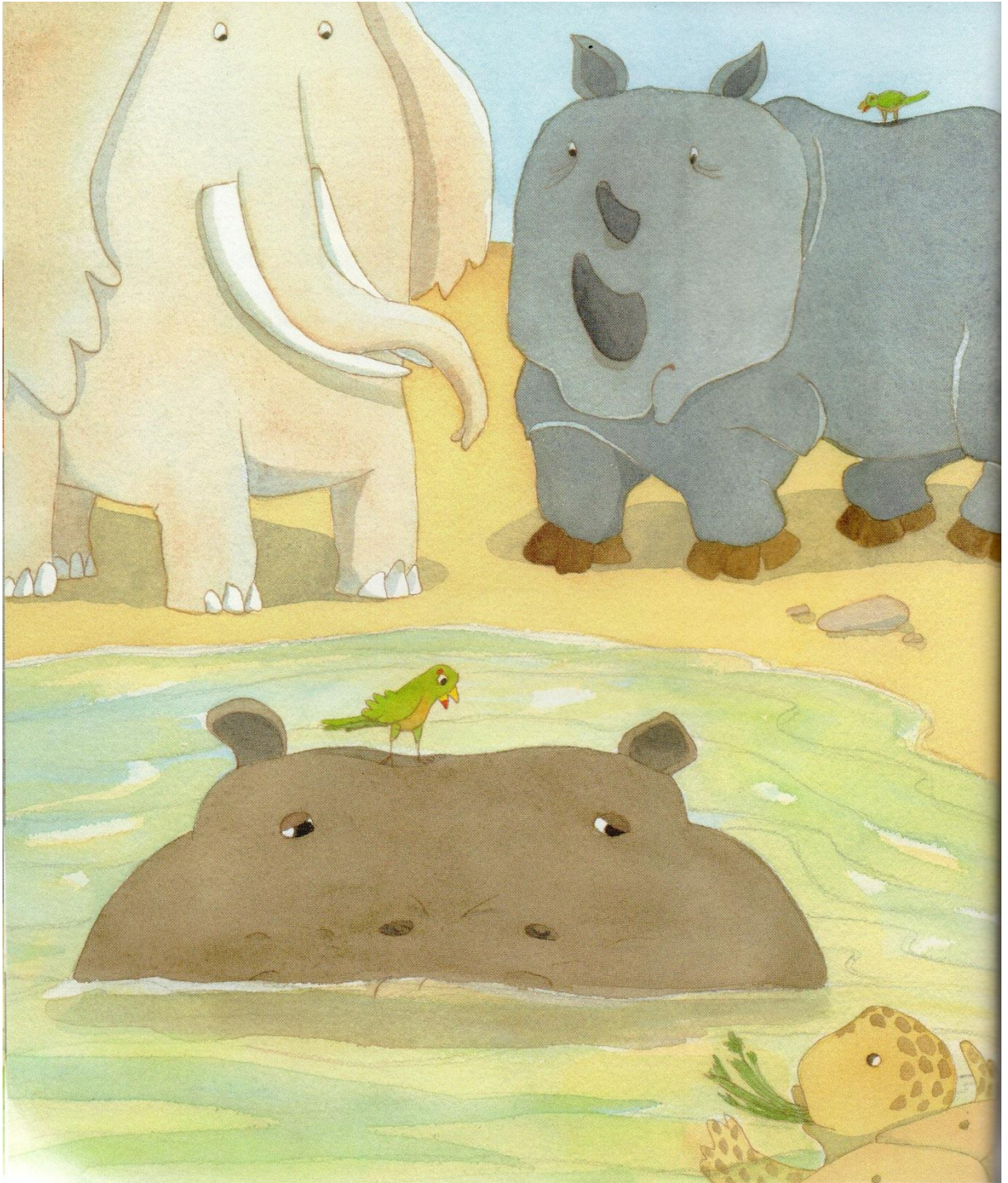
Veio o doutor Camelo, mas não pôde dar jeito.

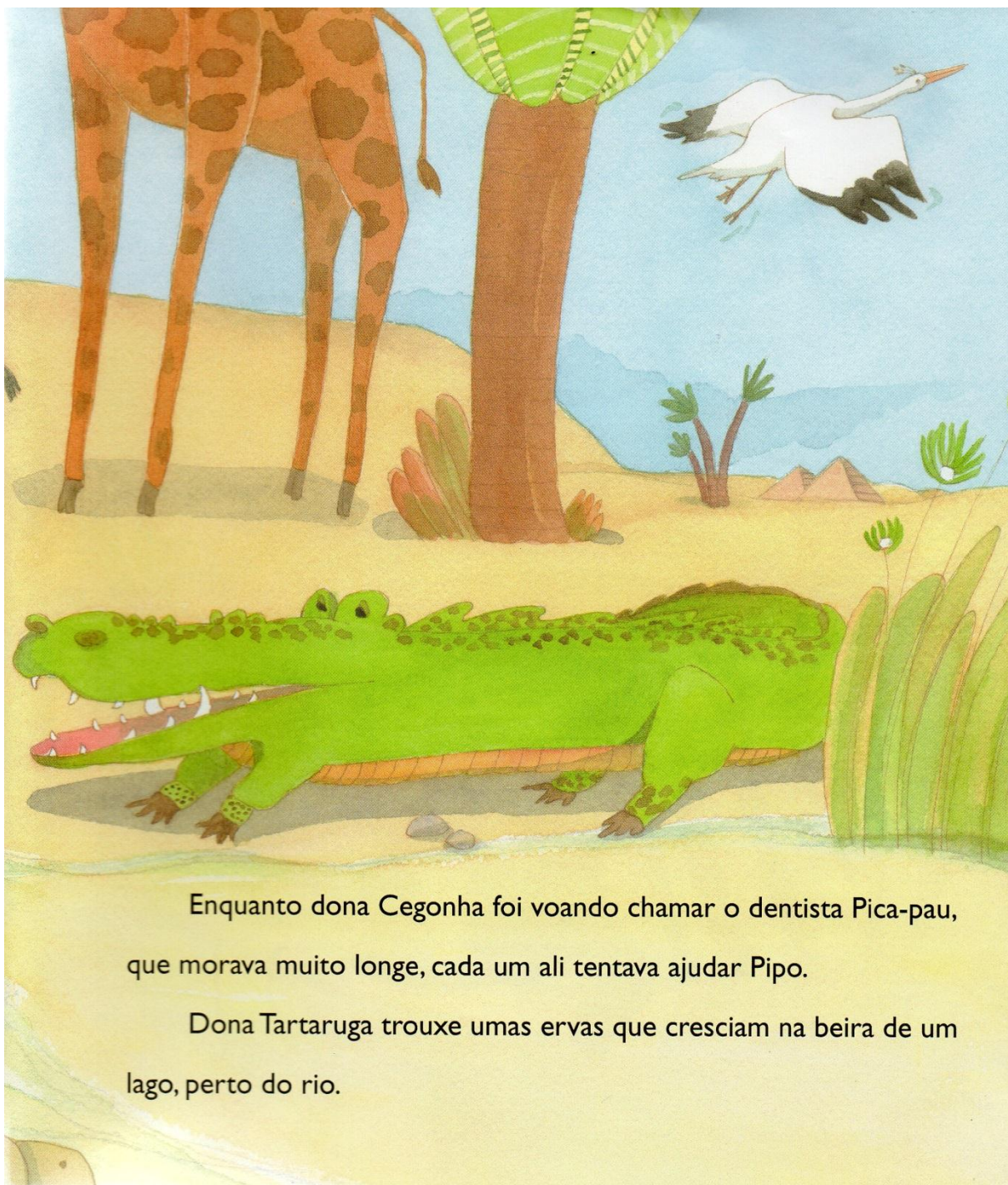
O caso não era com ele, explicou. E todo mundo se espantou.

— Alguma coisa está errada, mas não posso fazer nada. É
preciso um especialista.

E indicou um dentista.







Enquanto dona Cegonha foi voando chamar o dentista Pica-pau, que morava muito longe, cada um ali tentava ajudar Pipo.

Dona Tartaruga trouxe umas ervas que cresciam na beira de um lago, perto do rio.

Os outros bichos ficaram conversando e contando piadas,
para distrair Pipo. E dona Zebra perguntou:

— O senhor quer alguma coisa?

— Quero, sim. Minhas balas, que eu guardo ali naquele oco.



E então todo mundo ficou sabendo.

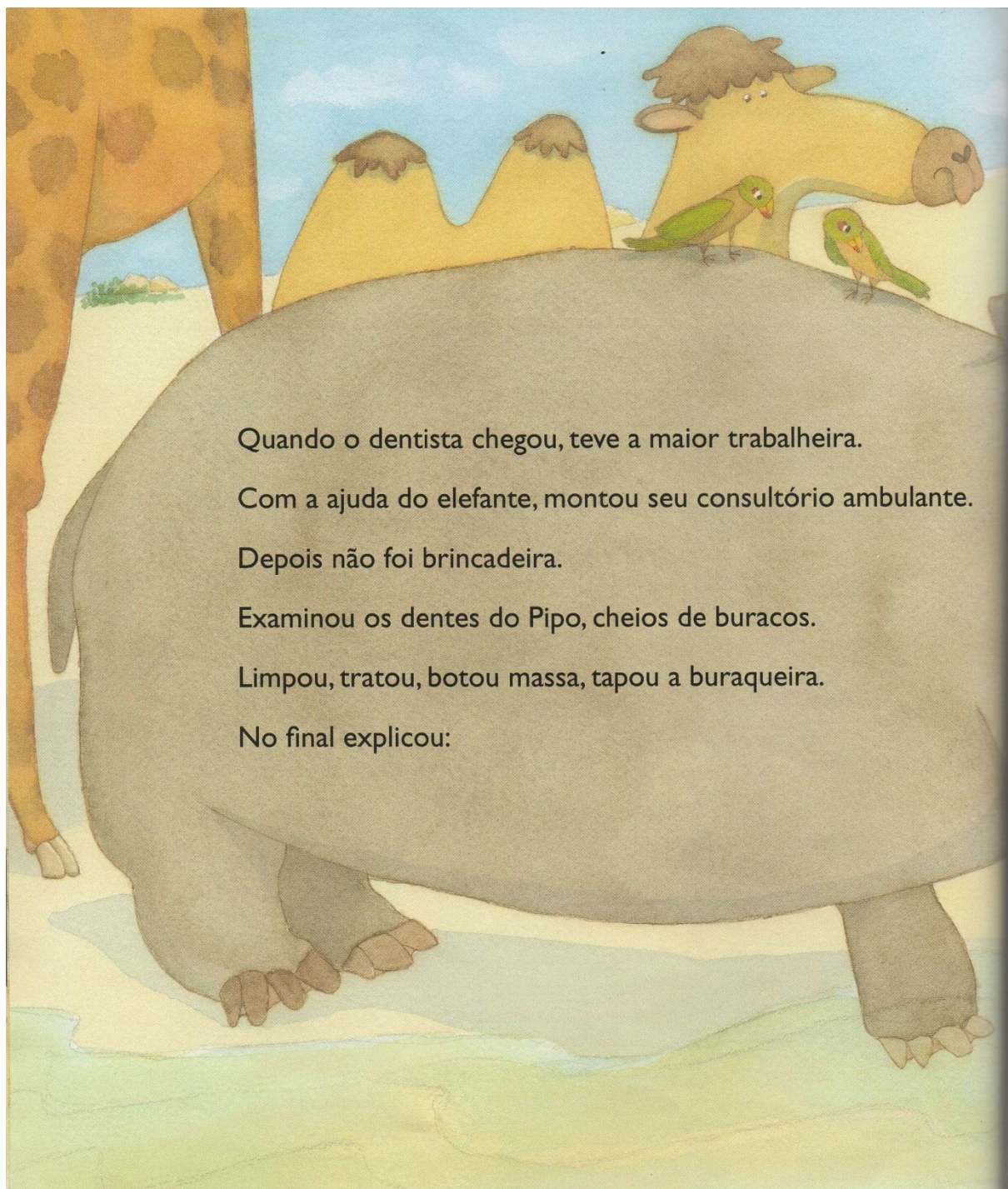
Sabendo o quê?

Que Pipo não comia a comida dele como todo mundo pensava.

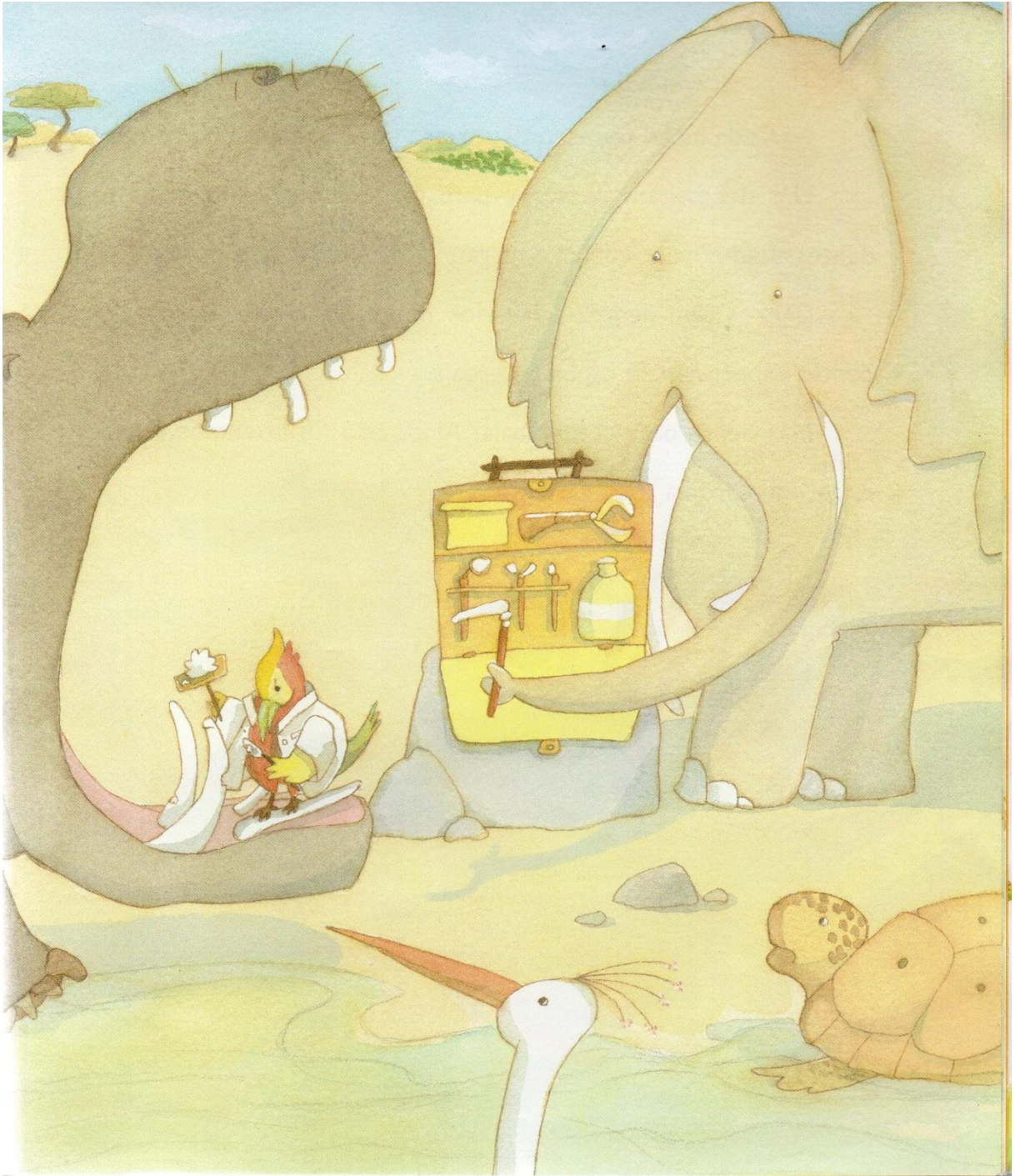
Passava o dia mastigando balas, bombons, chocolates,
caramelos, doces, chicletes.

Por isso é que agora estava com os dentes esburacados,
todos cariados.





Quando o dentista chegou, teve a maior trabalheira.
Com a ajuda do elefante, montou seu consultório ambulante.
Depois não foi brincadeira.
Examinou os dentes do Pipo, cheios de buracos.
Limpou, tratou, botou massa, tapou a buraqueira.
No final explicou:



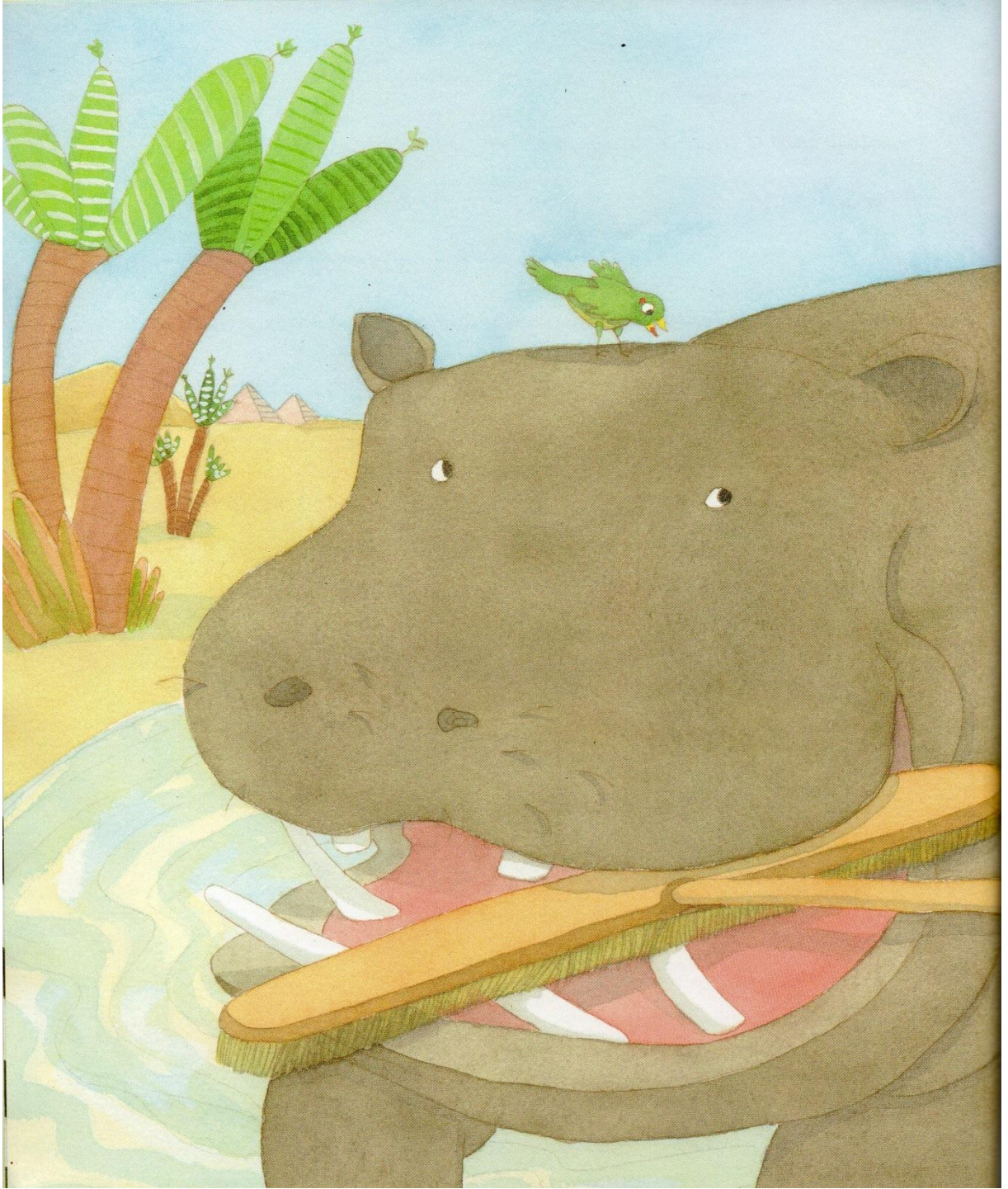
— Cada bicho tem seu dente, de acordo com o que come.

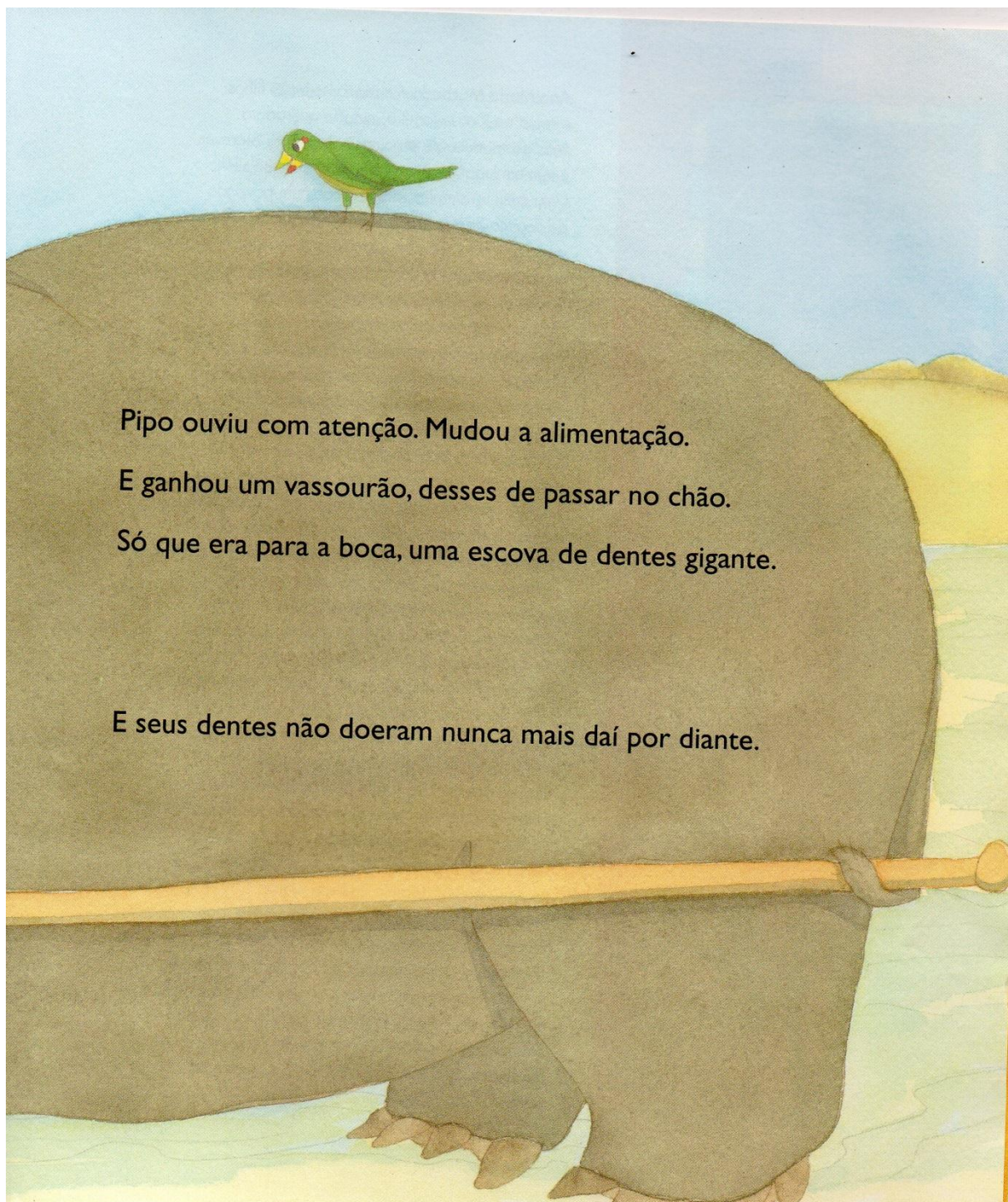
Uns necessitam de carne para matar a sua fome. Estes têm dentes afiados, para cortar e rasgar.

Outros têm dentes achatados, muito bons para esmagar. São dentes especiais para capim e cereais.

Mas dente para comer bala? Ainda não foi inventado. E quem experimentar fica todo cariado.







Pipo ouviu com atenção. Mudou a alimentação.

E ganhou um vassourão, desses de passar no chão.

Só que era para a boca, uma escova de dentes gigante.

E seus dentes não doeram nunca mais daí por diante.